



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA**

JESSICA TORQUATO CARNEIRO

**A LÍNGUA INGLESA EM CONTEXTO BRASILEIRO:
AS TATUAGENS ESCRITAS**

CAMPINA GRANDE - PB

2015

JESSICA TORQUATO CARNEIRO

**A LÍNGUA INGLESA EM CONTEXTO BRASILEIRO:
AS TATUAGENS ESCRITAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Inglesa.

Orientadora: Professora Vivian Monteiro.

CAMPINA GRANDE - PB

2015

JESSICA TORQUATO CARNEIRO

**A LÍNGUA INGLESA EM CONTEXTO BRASILEIRO: AS
TATUAGENS ESCRITAS**

Monografia de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Letras – Língua Inglesa – da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof(a) Orientadora: Vivian Monteiro Silva – UFCG/ UAL

Prof. Cleystone Chaves dos Santos – UFCG/ UAL

Prof. Sóstenes Carneiro Lopes – UFCG/ UAAMI

AGRADECIMENTOS

Não percorri a estrada da formação da vida escolar e acadêmica sozinha. Muitas pessoas me influenciaram diretamente ao longo desse caminho, portanto, os agradecimentos dessa monografia podem ser endereçados a inúmeras pessoas, são tantas que fica impossível citar todas. Portanto, direciono esses agradecimentos a todos os familiares, amigos e professores que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse ao final da minha graduação. Agradeço principalmente aos meus pais, por estarem sempre ao meu lado e por terem me oferecido tudo o que foi preciso, às vezes até além do que podiam, para que eu tivesse uma boa educação. E agradeço aos meus pais especificamente por terem motivado os meus estudos de língua inglesa desde criança, o que fez com que eu me encantasse pelo estudo de línguas estrangeiras e por questões relativas à linguagem humana, fazendo com que eu posteriormente optasse pelo curso de Letras. Por fim, em especial, agradeço a minha orientadora, Vivian Monteiro, por ter apoiado a ideia de escrever essa monografia desde o início, me dando todo o suporte necessário para que pudéssemos chegar ao fim deste trabalho depois de tantos meses de pesquisa, estudo e dedicação.

RESUMO

Por se tratar da língua franca atual, a língua inglesa está presente no cotidiano de pessoas de diversas nações do mundo, incluindo o Brasil. Ao observar o espaço urbano brasileiro, é possível identificar o inglês servindo a uma infinidade de propósitos, como para nomes de estabelecimentos comerciais e produtos, por exemplo. Um dos meios onde o inglês circula também é na pele sob a forma de tatuagens. Com isso, o presente trabalho se propõe a analisar o uso do inglês em tatuagens em contexto brasileiro através das justificativas dadas pelas pessoas tatuadas para a seguinte pergunta: “Por que você escolheu a língua inglesa para se tatuar?”, sendo responder a essa pergunta o objetivo geral deste trabalho. Através das respostas dadas pelos entrevistados, foi possível dividir o *corpus* em duas grandes categorias de análise: hegemonia da língua inglesa, cuja base teórica foi dada pelos autores Rajagopalan (2005), Dendrinós (2004) e Giblin (2005), e tradução enquanto prática “deformadora”, com os autores Ricoeur (2011) e Berman (2006). Além disto, é apresentado um panorama sobre a temática da tatuagem escrita, assim como também são apresentadas questões referentes a gêneros textuais e suporte, um breve histórico da tatuagem, e algumas ponderações sobre o uso de gêneros marginalizados em sala de aula. O trabalho inclui a descrição e análise de duas aulas de inglês instrumental, elaboradas com base em tatuagens em inglês, com o intuito de pôr em prática as concepções que haviam sido discutidas na fundamentação teórica e demonstrar como o trabalho com esse gênero pode ser proveitoso para o ensino de línguas. Ao propor um estudo pautado na análise de tatuagens, o presente trabalho busca apresentar como a tatuagem, enquanto um meio de expressão humana que atravessa fronteiras do tempo e do espaço, pode contribuir para que a sala de aula de línguas seja um espaço onde seja possível abranger as inúmeras maneiras que as pessoas se utilizam da linguagem no cotidiano, e, assim, expandir as concepções sobre o funcionamento da língua na sociedade. E, por se tratarem de tatuagens em língua inglesa, buscamos principalmente refletir sobre mais um meio de expressão verbal onde a língua inglesa está corriqueiramente presente em contexto brasileiro.

Palavras-chave: Língua inglesa no Brasil. Tatuagens escritas. Ensino de línguas.

ABSTRACT

Since it is the current lingua franca, the English language is present in the everyday life of people from many different nationalities around the world, including in Brazil. When we observe the Brazilian urban area, it is possible to identify English being used in different kinds of purposes, such as names of stores and products, for example. One of the places where English is also used is on people's skin. Therefore, this study aims to analyze the use of English in Brazilian context through the reasons given by tattooed people to the following question: "Why did you choose English to your tattoo?", and answering this question is the general objective of this study. Through the answers given by the interviewees, it was possible to divide the corpus of this study in two main categories: the hegemony of English, which is based on authors such as Rajagopalan (2005), Dendrinis (2004) and Giblin (2005), and translating taken as a distorting act, which is based on authors such as Ricoeur (2011) and Berman (2006). Besides, it is also presented an overview about the theme of written tattoos, and also topics that concern text genre and medium, a brief consideration of the tattoo history and some aspects related to the use of marginalized text genres in the classroom. This study also presents the description and analysis of two classes of English for Specific Purposes, which were performed to put in practice conceptions that were discussed in the theoretical background, demonstrating how the work with this genre can be interesting to a language class. By suggesting a study based on the analysis of tattoos, this work aims to demonstrate how tattoos, a means of human expression that crosses time and space boundaries, can contribute to the language classroom, since it is an environment where the teacher can encompass the many ways that people use language in their daily life, and, therefore, broaden notions about language function in society. And, since the tattoos are in English, we mainly seek to reflect upon one more means of verbal expression where the English language is commonly present in Brazilian context.

Keywords: English in Brazil. Written tattoos. Language teaching.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 13 |
| 2.1 O caráter hegemônico da língua inglesa e sua influência na cultura midiática e nas escolhas lexicais para as tatuagens de brasileiros | 13 |
| 2.2 Tradução e modificação do “sentido original” | 16 |
| 2.3 O gênero tatuagem: constituição, história e usos | 18 |
| 2.4 Por que estudar a tatuagem na sala de aula? | 23 |
| 3. METODOLOGIA | 27 |
| 3.1 Participantes e contexto da pesquisa | 27 |
| 3.2 Procedimentos de coleta de dados | 28 |
| 3.3 Procedimentos de análise dos dados | 31 |
| 4. ANÁLISE DOS DADOS | 32 |
| 4.1 A língua da globalização na pele das pessoas | 32 |
| 4.1.1 A hegemonia da língua inglesa em contexto brasileiro | 33 |
| 4.1.2 Tradução e perda do “sentido original” em tatuagens | 38 |
| 4.1.3 Outros motivos | 45 |
| 4.1.4 Experiências com o gênero tatuagem na aula de inglês instrumental | 48 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 57 |
| REFERÊNCIAS | 59 |
| ANEXOS | |
| APÊNDICES | |

1. INTRODUÇÃO

A língua é um dos mais importantes elementos constitutivos de uma identidade nacional por ser um dos principais meios de comunicação humana e por estar presente nas mais diversas situações vivenciadas pelas pessoas, logo, está sujeita a infindas discussões sobre os seus usos tanto dentro do próprio país, quanto fora dele. Uma das discussões mais ferrenhas no campo da língua enquanto parte intrínseca do sentido de identidade de um país é a ideia, defendida pelos puristas da língua portuguesa, por exemplo, de que a língua de um povo deve permanecer intacta e pura para que seja valorizada pelos seus falantes nativos e no seu território nacional (cf. DENDRINOS, 2004; FARACO, 2001). Porém, essa questão torna-se confusa quando percebemos que as ruas das cidades de um país e a língua usada pelas pessoas apresentam algumas palavras de língua estrangeira, os chamados “empréstimos linguísticos”, o que deixa os “guardiões” incomodados, pois veem as palavras de línguas estrangeiras como ameaças a um tesouro nacional.

Na atualidade, principalmente com o início do século XX, a língua que demonstra ter essa característica de grande “invasora” é o inglês, estando presente na vida cotidiana de milhares de pessoas ao redor do mundo, assim, se estabilizando como a atual língua da globalização. Segundo Dendrinós (2004),

[...] o alarme diante da dominação do inglês não apenas reflete inquietude em relação ao poder de controle ou aos efeitos colonizadores que essa língua exerce sobre as outras, sejam elas “grandes” ou “pequenas”; ele oculta a consternação diante do papel da dominação na *minimização da importância da nação* e na *maximização do papel da globalização*. (DENDRINOS, 2004, p. 54)

No Brasil, a constante presença da língua inglesa gera desconforto em pessoas que veem uma língua estrangeira – e especialmente a língua inglesa – como ameaça à pureza da língua portuguesa. E por que “especialmente a língua inglesa”? Porque, dentre as outras línguas, o inglês está presente em diversas situações comunicativas pelo mundo mais do que qualquer outra língua estrangeira, desde nomes de estabelecimentos comerciais (cf. MELLER, 2004) até tatuagens feitas por brasileiros (foco do presente trabalho).

A constante presença da língua inglesa não ocorre apenas no Brasil, uma vez que o seu teor globalizante fez com que ela se expandisse por todo o mundo, porém, em alguns países há mais resistência, e em outros há menos. Pode-se dizer que a população brasileira demonstra ter pouca resistência a termos estrangeiros, pois, segundo Gouveia (2004) “[...] a profusão de estrangeirismos na língua portuguesa no Brasil é notória e ultrapassa o limite do

razoável [...]”. Essa situação preocupa os que prezam pela pureza da língua, levando até à criação de projetos de lei com o intuito de frear tamanha influência de termos estrangeiros na língua falada no Brasil (cf. GOUVEIA, 2004).

A resistência à língua inglesa não se dá apenas pela simples ameaça à “pureza” da língua, mas também pela resistência de alguns ao fato de haver uma nação “dominadora” que reprime as outras nações com o seu poderio econômico, político e cultural, ou seja, como negação à dominação dos EUA como uma superpotência mundial. Com isso, como discute Dendrinós (op. cit.), entende-se que o problema não se restringe à questão da língua em si, mas, no significado social e ideológico inerentemente associado ao inglês.

Independente do movimento de oposição à língua inglesa em contexto brasileiro, o que se vê é a permanência do inglês como a língua estrangeira mais presente no cenário nacional atualmente. Diante disso, percebe-se que há um vasto campo de pesquisa, dentre eles, destacamos o de Prado e Massini-Cagliari (2011) e Bárbara e Sardinha (2005), direcionado aos estudos linguísticos sobre a presença da língua inglesa nas práticas discursivas da população brasileira, uma vez que é possível identificar o inglês em uma enorme variedade de usos no cotidiano.

Como veremos, um dos campos da expressão verbal onde há significativa presença da língua inglesa em contexto brasileiro é em tatuagens. Ao andar pelas ruas de algumas cidades brasileiras ou acessar o acervo de sites de estúdios de tatuagens no Brasil¹, nos deparamos com a língua inglesa marcada na pele das pessoas. Com isso, vê-se que essa língua não está apenas presente em conversas cotidianas, nomes de objetos, lojas e produtos; mas, está também presente nos corpos de cidadãos brasileiros.

Diante desse fato, cabe a pergunta desta pesquisa: por que brasileiros se tatuam em inglês e não em outra língua, como o português? Em segundo plano, pode-se pensar também que, se estamos no Brasil, e as pessoas que se tatuam são brasileiras, não seria a escolha pela língua inglesa algo que vai de encontro à ideia de uma identidade nacional? Na verdade, pode-se falar de “escolha”, quando o uso da língua inglesa é tão “natural” que nem chega a ser algo consciente para alguns?

¹Disponível em <<http://www.ledstattoo.com.br/estilogaleria.php?estilo=Escrita>>. Último acesso em 17 de novembro de 2014.

Disponível em <<http://www.portaltattoo.com/fotos/tatuagens/diversos/escritas/16/10/12109>>. Último acesso em 17 de novembro de 2014.

Disponível em <http://mahadevacustomtattoo.blogspot.com.br/search/label/Caligrafia>>. Último acesso em 17 de novembro de 2014.

Ao unir o estudo da expressão verbal através de tatuagens à presença da língua inglesa em contexto brasileiro, temos como objetivo geral nesta pesquisa, portanto, buscar compreender porque a língua inglesa está presente na pele das pessoas. Para tentar responder a esta pergunta, procuramos a) investigar a influência da língua inglesa na mídia e na música já que muitas pessoas tatuam frases da *Internet* e trechos de letras de músicas; e, b) verificar por que as pessoas que se tatuaram com letras de música preferiram manter as frases no original em inglês e não optavam por traduzi-las para a sua língua materna. Após a obtenção dessas respostas, buscamos, então, c) pensar como tal estudo pode contribuir com o ensino do gênero tatuagem na sala de aula de língua inglesa.

Ao analisar esse tipo tão peculiar de uso da língua – a tatuagem escrita (não vamos nos aprofundar nos elementos semióticos) – buscamos expandir o campo dos estudos linguísticos sobre um tipo de expressão humana que, por muitos, ainda é tida como algo estranho e repulsivo. Assim, essa prática torna-se relativamente marginalizada, o que acaba inibindo a fomentação de estudos desse tipo, apesar de ser um tipo de expressão que possui raízes milenares e manifestações em diversas culturas do mundo (cf. GOMES, 2013).

Schmitz (2012) reflete sobre a sua trajetória enquanto professor de língua inglesa e comenta que chegou a se questionar se ao ensinar seus alunos a se comunicarem em inglês ele estava simplesmente reforçando a ideia de que nações como os EUA e a Inglaterra devem servir de modelo e, conseqüentemente, assumir como natural a imposição de sua língua para pessoas de outras nacionalidades. Ou seja, o autor sentia-se compactuando com essa ideia de dominação. Diante disso, ele evidencia a importância de adotar uma visão mais crítica em sala de aula no que concerne a potência e influência da língua inglesa no mundo. Outra questão que o autor evidencia é o fato de que o professor não deve limitar o estudo da língua inglesa apenas ao seu uso pelos falantes nativos ou às nações tradicionalmente associadas ao inglês (como os EUA e a Inglaterra), uma vez que pessoas de diversas nacionalidades (a exemplo dos indianos e sul-africanos) também usam o inglês como segunda língua e/ou língua estrangeira em suas experiências comunicativas cotidianas.

Para além da influência do inglês como língua hegemônica sobre as diversas práticas comunicativas, há quem opte por utilizar essa língua em suas atividades cotidianas pelo simples fato de não querer traduzir os textos originais para a língua materna para que, nos termos de Ricouer (2011), o sentido não seja “deformado”.

Para a sala de aula, a discussão sobre tatuagens em língua inglesa em brasileiros pode ser considerada bastante proveitosa, uma vez que, através desse tópico, é possível discutir questões tanto a respeito de visões sobre tradução, quanto acerca da hegemonia da língua

inglesa e a influência que ela tem nas práticas comunicativas de outros países, e não apenas onde é língua oficial. Assim, os alunos poderão compreender que a aula de inglês não serve apenas para colocá-los em uma posição diferenciada no mercado de trabalho, mas, deve ajudá-los a enxergar qual é o lugar da língua inglesa no mundo e como é preciso entender a sua hegemonia de maneira mais crítica, sem que com isso seja necessário aboli-la ou entendê-la como uma ameaça à identidade nacional, além de problematizar questões sobre tradução.

Tendo em vista essas ponderações, consideremos agora as etapas do trabalho. Primeiramente, abordamos, ao longo da fundamentação teórica, questões sobre a hegemonia da língua inglesa, concepções sobre tradução, um breve histórico da tatuagem, a relação da tatuagem com o corpo e a identidade, gêneros textuais, e o uso da tatuagem enquanto gênero na sala de aula. Logo após estas considerações de cunho mais teórico, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa. Ao final, discutimos os dados, expomos a maneira como se deu a experiência da autora do presente trabalho ao utilizar o gênero tatuagem no contexto de sala de aula, e propomos algumas reflexões para o trabalho com este gênero na aula de inglês.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O caráter hegemônico da língua inglesa e sua influência na cultura midiática e nas escolhas lexicais para as tatuagens de brasileiros

A língua inglesa figura como a língua franca da atualidade, o que significa que pessoas por todo o mundo se comunicam através dela, independentemente de serem nativos de países de língua inglesa ou não. Desse modo, vê-se que o inglês está presente no cotidiano de populações em diversas nações do mundo (RAJAGOPALAN, 2005). Assim, torna-se objeto de estudo as maneiras como a língua inglesa é usada fora de seus territórios de origem, como é o caso das tatuagens que compõem o *corpus* da presente pesquisa.

A disseminação da língua inglesa está relacionada a aspectos políticos e econômicos, uma vez que a Inglaterra e, posteriormente, os Estados Unidos, historicamente representam nações com um alto desenvolvimento econômico e industrial, e, com isso, espalharam sua língua e cultura pelo mundo (RAJAGOPALAN, op. cit.). Conseqüentemente, diante de tal disseminação, tem havido movimentos em todo o mundo, como no Brasil, por exemplo, que buscam frear a forte presença do inglês, no sentido de tentar amenizar o modo com que essa língua se entranha em comunidades de falantes cuja língua materna não é o inglês (cf. DENDRINOS, 2004). Os adeptos de tais movimentos (também chamados de puristas²) acreditam que o uso de termos estrangeiros “contamina” uma língua, e, conseqüentemente, prejudica a noção de uma identidade nacional. Um exemplo que podemos citar aqui no Brasil é o uso de alguns vocábulos tais como “*design*” e o “*mouse*” do computador, que comumente são utilizados diretamente do inglês. Tendo em vista tal influência não somente no uso de vocábulos, mas também da indústria midiática sobre a vida dos brasileiros, nasce o desejo de entender se os brasileiros que usam a língua inglesa em tatuagens podem estar também influenciados pela sua constante presença ao redor, e, sem se darem conta, acabam transferindo essa língua para seus corpos, ou se esse uso em tatuagens ocorre por outras razões.

Para alguns, a presença de palavras estrangeiras gera desconforto e a sensação de descontrole sobre a língua oficial de uma nação; para outros, este é um fato que passa despercebido (cf. DENDRINOS, op. cit.). Ainda em outros casos, as pessoas que percebem

² A esse respeito, conferir: Garcez, P. M & Zilles, A. M. S. *Estrangeirismos: desejos e ameaças*. In: Faraco, C. A. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

essa forte presença de estrangeirismos passam a enxergá-los como algo inevitável e com o qual têm que aprender a conviver, sem discriminar, mas também sem se sentirem submissas; com isso, no “lugar da subserviência passiva, elas optam por uma resistência consciente e consequente” (RAJAGOPALAN, op. cit., p.150), ou seja, não aceitam esse fato de maneira alienada e sem um pensamento reflexivo.

Esse tipo de oposição discutido por Rajagopalan (op. cit.) surge com a observação da presença do inglês em diversos países, e se constitui no que ele chama de “*World English*”, ou seja, o inglês que é falado no mundo, onde os países originários dessa língua não têm mais o controle exclusivo sobre ela, porque ela se tornou a língua do mundo, e este, portanto, é também quem vai determinar suas novas regras. Diante de tamanha expansão, a língua inglesa falada pelo nativo passa a representar apenas uma das inúmeras variações que essa língua possui. Segundo Rajagopalan (op. cit.),

A língua inglesa, tal qual vai se expandindo no mundo inteiro (a que chamo de *World English*) é um fenômeno linguístico *sui generis*, pois, segundo as estimativas, nada menos que dois terços dos usuários desse fenômeno linguístico são aqueles que, segundo nossos critérios antigos e ultrapassados, seriam considerados não nativos (op. cit., p. 151).

Se dois terços dos usuários desse fenômeno são não nativos do idioma, fica claro aqui que o *World English* não pertence apenas aos países onde ele é falado oficialmente, mas, é preciso considerar também que o mundo inteiro se apoderou dessa língua, tornando-se difícil encará-la apenas como “propriedade” de países cuja língua materna é o inglês, assim, perdendo o seu vínculo exclusivo com a cultura anglo-saxã. No presente trabalho, nos propomos a analisar a língua inglesa sendo usada em um contexto onde não é a língua oficial do país, no nosso caso, no Brasil.

Portanto, podemos perceber que a presença de estrangeirismos na fala cotidiana dos falantes de uma língua é algo que gera controvérsias, e, quando se trata da língua inglesa, a dimensão dessa questão se torna ainda mais dramática, devido ao fato de o inglês estar intimamente associado a culturas, como a estadunidense, que, devido ao forte poderio econômico e político, são vistas com desconfiança por países que não possuem esse mesmo poder, e acabam sentindo-se sufocados e em posição de desvantagem (DENDRINOS, op. cit.).

Diante das questões sobre a hegemonia da língua inglesa elencadas até aqui, faz-se necessário ressaltar que a visão que consideramos mais compatível com o que pensamos é a concepção discutida por Rajagopalan, de que a presença do inglês é um fato e é preciso

avaliá-lo de maneira crítica, sem necessariamente propor uma guerra contra a língua, pois o lugar que ela ocupa hoje foi uma consequência de um longo e complexo processo que não se desfaz porque não concordamos com essa hegemonia. É preciso, então, termos consciência de que vivemos num mundo cujas relações comerciais, políticas, econômicas e de comunicação são mediadas majoritariamente pela língua inglesa, e que, portanto, precisamos estudar tal idioma se quisermos ampliar nossa inserção nessas relações. Porém, apesar de reconhecermos tal necessidade, não precisamos adotar uma postura de subserviência ao inglês, mas de reflexão sobre essa questão.

Giblin (2005) discute um significativo meio de disseminação da língua inglesa: a cultura midiática. No texto, o autor discorre a respeito da expressão artística proveniente dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, por ter sido e continuar sendo uma área que ajudou a promover a grande expansão da língua inglesa que se vê no mundo, não só através da música, como também pelo cinema, intensificando a sua disseminação através de filmes com estrelas hollywoodianas como Marlon Brando, James Dean e Marilyn Monroe.

O autor cita ritmos musicais como o *jazz*, o *country* e, em seguida, o *rock'n roll* estadunidense, como uma espécie de ritmo que une os dois primeiros e cria um novo, o qual surge e se desenvolve entre os anos de 1950 e 1966 como um dos expoentes da música norte-americana, especialmente a partir de Elvis Presley.

Após os anos de 1970, o ritmo cresce e passa a ser produzido também principalmente na Inglaterra e em outros países. Nesse momento, vê-se uma grande explosão de *superstars*, como Beatles, Bob Dylan, Rolling Stones – artistas que provocaram na juventude da época uma paixão desmedida e um forte envolvimento com a arte produzida por eles e, assim, segundo o autor, “[...] toda uma geração aprende o inglês por meio da música” (GIBLIN, op. cit., p. 130).

De uns 20 anos para cá, o autor cita ritmos como o *pop*, o *hip-hop*, o *rap* e o *techno*, tipos mais recentes e que também são preferência musical de grande parte da juventude, assim como o *rock* continua sendo – ritmos fortemente dominados pela indústria musical oriunda de países de língua inglesa. Desse modo, o autor conclui que o papel da língua inglesa no desenvolvimento da cultura midiática “[...] contribuiu para impor o inglês como modo de comunicação internacional.” (GIBLIN, op. cit., p.132). No que se refere ao presente trabalho, vê-se a influência da cultura midiática nas tatuagens escritas em língua inglesa por indivíduos de nacionalidade brasileira, pois muitas estão associadas a ícones da indústria da música e do cinema, como trechos de canções ou frases célebres de artistas de países de língua inglesa.

Assim, percebe-se que diversos segmentos importantes da vida cotidiana possuem estreita relação com a cultura de um país como os Estados Unidos, como a economia, a política e a cultura; e, intrinsicamente envolta a esses aspectos, está a língua, que é também transferida para a vida cotidiana de milhões de pessoas por todo o mundo cuja língua materna não é o inglês.

Mesmo considerando de extrema relevância a influência do poderio econômico e da cultura midiática dos EUA sobre a escolha do idioma que os brasileiros optam na hora de se tatuarem, percebemos que não somente esse fator colabora para tal escolha, porém, fatores de outra ordem também contribuem, como, por exemplo, a tradução, que será discutida no tópico a seguir.

2.2 Tradução e modificação do “sentido original”

Como mencionado anteriormente, a tradução pode ser tida para os puristas como uma alternativa para evitar o uso de termos estrangeiros e, com isso, fortificar a unidade da língua de uma nação. Logo, uma palavra como “*playground*” pode ser substituída por “parque” e “*spray*” por “borrifador”. Olhando por esse prisma, para os puristas, essa é uma solução que poderia ser adotada definitivamente, uma vez que, se há uma palavra equivalente em português, não haveria motivo para usar um termo estrangeiro, com isso, a língua poderia manter a sua suposta “pureza” (GARCEZ E ZILLES, 2001).

No entanto, a questão é um pouco mais complexa, uma vez que um dos pontos que se discute no âmbito da tradução é que, ao traduzir, muitas vezes não é possível transferir para a língua de chegada exatamente a ideia que foi veiculada na língua de partida. Com isso, comumente alguns termos acabam sendo usados na língua original, como as atuais “*selfies*”, por exemplo. Segundo Ricoeur (2011), ao colocar duas línguas lado a lado:

Não somente os campos semânticos não se superpõem, mas as sintaxes também não são equivalentes; as formas de construção das frases não veiculam as mesmas heranças culturais; e o que dizer das conotações meio mudas que sobrecarregam as denotações mais precisas do vocabulário de origem e flutuam de certo modo entre os signos, as frases, as sequências curtas ou longas. É a esse complexo de heterogeneidade que o texto estrangeiro deve sua resistência à tradução e, nesse sentido, sua intraduzibilidade esporádica. (RICOEUR, op. cit., p. 25)

Diante disso, vê-se como pode ser complexo o processo tradutório, pois é uma prática que envolve uma série de aspectos linguísticos e culturais que, muitas vezes, não possuem a mesma correspondência em línguas e culturas diferentes.

Berman (2006) discorre sobre a problemática da tradução, especificamente no âmbito literário, enquanto texto que, apesar da necessidade da sua existência no mundo para permitir a comunicação textual e a troca de literatura entre diferentes nações, é também uma prática que gera muitas controvérsias, sendo vista com desconfiança pelos seus leitores por acharem que o que leem, por ser uma tradução, não apresenta determinada obra em sua completude. O autor evidencia nessa discussão a oposição entre a tradução que abdica da naturalidade do texto na língua de chegada para preservar o texto na língua de origem, e a tradução que adapta ao máximo o texto de origem para adequar-se as necessidades textuais da língua de chegada, sendo essa uma das dicotomias mais discutidas no âmbito da tradução. Assim, diante dessa questão, surge a ideia do texto *intraduzível*, que, segundo a opinião de muitos, apenas está em sua forma “perfeita” quanto está na língua em que foi escrito originalmente.

No presente trabalho, a questão da tradução foi inserida porque muitas das tatuagens dos participantes da pesquisa eram frases que já existiam em inglês, como em letras de música ou em citações de pessoas famosas, e as respostas dadas para o fato de o porquê da tatuagem ser em inglês foi porque as pessoas preferiram manter a frase no original, alegando que, se traduzissem para o português, a frase escolhida não teria o mesmo sentido.

Esse tipo de resposta tem respaldo no âmbito da tradução que discute a questão da intraduzibilidade de um texto. Porém, dentro dessa mesma questão, a intraduzibilidade não chega a ser entendida como algo negativo, mas apenas um fator natural ao ato de traduzir. Porque, de fato, conseguir reproduzir exatamente o “mesmo sentido” em línguas diferentes às vezes é impossível, mas não significa que não seja possível uma aproximação. Para Ricoeur (op. cit.), esse *mesmo sentido* que se procura em uma tradução é uma abstração, porque um texto quando dito de outro modo, como uma paráfrase, por exemplo, já não mais é o mesmo, é apenas uma tentativa de aproximação. Ou, incidindo o foco no leitor, um mesmo texto já não é o mesmo texto quando lido por dois indivíduos diferentes. Então, que *mesmo sentido* é esse que se busca, quando, no final das contas, o verdadeiro *mesmo sentido* nem sequer existe?

Para Ricoeur (ibidem), a questão do *verdadeiro sentido* de um texto é uma abstração que não está nem no texto de chegada nem no texto de partida. O *verdadeiro sentido* é tido como um terceiro texto que paira sobre os outros dois, o qual nenhuma das duas línguas conseguirá refletir completamente.

Decorre disso tudo o que se pôde dizer em tradutologia sobre as relações complicadas entre o pensamento e a língua, o espírito e a letra, e a sempiterna questão: deve-se traduzir o sentido ou as palavras? Todos esses embaraços da tradução de uma língua para outra encontram sua origem na reflexão da língua sobre

ela mesma, o que leva Steiner a dizer que “compreender é traduzir” (RICOEUR, op. cit., p. 54).

Desse modo, ao adotar a colocação “compreender é traduzir”, Ricoeur problematiza a questão da individualidade do leitor, cuja leitura e compreensão de um texto partem de um contexto particular, especialmente em âmbitos menos técnicos. E, após a leitura, quando esse texto é traduzido para outra língua por esse mesmo leitor, a transferência de sentido, ou o *dizer o mesmo de outro modo*, torna-se um fato ainda mais complexo devido às diferenças não apenas entre as línguas, como o léxico e a sintaxe, mas também entre heranças culturais.

Com isso, vê-se que as respostas das pessoas que fazem parte do *corpus* dessa pesquisa se enquadram na concepção de intraduzibilidade, que há muito perpassa os estudos de tradução. Assim, percebe-se que o discurso de intraduzibilidade não está presente apenas em análises acadêmicas sobre tradução, mas, faz parte de um senso comum entre cidadãos que não necessariamente se debruçam sobre essas questões.

O gênero do texto pode ter também relação com a escolha ou não de traduzir. No caso da tatuagem, por se tratar de um tipo de escrita que geralmente possui algum envolvimento emocional forte da pessoa tatuada com o que escreveu na pele, a opção por não traduzir pode estar relacionada ao desejo de escrever em si algo que não destoe do real significado que a pessoa gostaria de veicular com a tatuagem. Por outro lado, para contrastar com outros gêneros textuais, uma bula de remédio, por exemplo, necessariamente deve ser traduzida quando alguém não entende a língua em que ela está escrita por uma questão bastante prática: o uso de remédios é algo que tem a ver com a saúde e é preciso que as características do remédio e as contraindicações sejam conhecidas. Assim, no caso da bula de remédio, a tradução se faz necessária por uma questão relacionada a um aspecto mais técnico e menos subjetivo, diferentemente da tatuagem.

A observação da tatuagem como um gênero textual é importante para ajudar a circunscrever esse estudo em um campo que ajude a compreender não apenas a questão da opção de não traduzir para não *mudar o verdadeiro sentido*, mas também para analisar aspectos como a hegemonia da língua inglesa e também para ajudar a incluir esse estudo no que tanto se incentiva nas salas de aula de línguas a respeito da análise da multiplicidade de maneiras que os seres humanos desenvolveram para se expressarem utilizando a linguagem.

2.3 O gênero tatuagem: constituição, história e usos

O estudo de gêneros textuais demonstra estar em um momento de grande efervescência desde o final do século XX. Campos de estudo não só da linguística, como também de áreas como a sociologia, psicologia, filosofia, etc., desenvolvem cada vez mais investigações no âmbito dos gêneros textuais (cf. Marcuschi, 2008). No entanto, apesar da recente difusão, tal estudo iniciou-se há pelo menos vinte e cinco séculos, considerando que sua análise sistemática começou com o filósofo Platão, como referendado por Marcuschi (op. cit.):

A expressão “*gênero*” esteve, na tradição ocidental, especialmente ligada aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão para se firmar com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento, e a Modernidade, até os primórdios do século XX. (op. cit., p. 147)

Segundo o autor (op. cit.), “O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema” (p.147). A princípio, o estudo de gêneros que surgia na Antiguidade tinha como ênfase a observação de gêneros literários e retóricos, mas, nota-se que, com o passar do tempo, o tema expandiu-se, de tal modo que, segundo Swales (apud Marcuschi, 2002), “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias.” (p. 29), o que torna o campo de estudo dos gêneros textuais altamente vasto. Para Marcuschi,

[...] a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato de língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. (Marcuschi, 2008, p. 149).

Em suas pesquisas, o filósofo Bahktin (2000) expõe a questão dos gêneros do discurso como crucial para os estudos da linguagem. O que ele denomina de gêneros do discurso, será chamado de gêneros textuais nesta investigação, pois adotaremos a terminologia apresentada por Marcuschi (op. cit.), que afirma não haver diferença conceitual entre o termo sugerido por ele e o utilizado pelo filósofo, mas apenas terminológica.

As produções de enunciados, ou as *enunciações*, estão presentes nas mais diversas situações comunicativas que perpassam as interações verbais, fato que está profundamente incorporado às vivências diárias dos seres humanos, pois, segundo Marcuschi (2011), “a língua se manifesta plenamente no seu funcionamento na vida diária, seja em textos triviais do cotidiano ou prestigiosos e canônicos que persistem na tradição cultural.” (p. 65).

A identificação de características constantes que fazem determinada expressão verbal pertencente a um gênero textual, apesar do seu caráter sólido (porque é justamente essa

solidez que dá forma e diferencia os gêneros), é passível de modificações devido ao fato de que a compreensão de cada um sobre o que lhe cerca é variável, inclusive no campo dos gêneros textuais, uma vez que, o que se entende por cada esfera de comunicação está rendido à inconstância da concepção pessoal ou de um grupo, como também ao passar do tempo. Como, por exemplo, o que se entende por resenha pode ser diferente para um aluno de ensino médio e para um aluno do curso de Letras. De acordo com Marcuschi (2011), os gêneros textuais

[...] não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de uma organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. (MARCUSCHI, op. cit., p. 20)

Isto é, produções verbais que destoam das regras de adequação do discurso aos gêneros textuais inevitavelmente existem, todavia, esses desvios à regra são relativamente barrados através da construção cultural e historicamente desenvolvida que circunda os gêneros textuais (uns mais do que outros), fazendo com que haja certa constância e, assim, propagando e estabilizando características que lhes dão forma. Assim, os gêneros textuais são tidos como “[...] *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características *sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

O ato de se tatuar, por exemplo, objeto de estudo deste trabalho, possui enunciações características; o que se faz em tatuagem possui formas que a contornam (mesmo que não absolutamente restritivas), ditando o que é adequado e inadequado, comum e incomum a essa expressão humana em determinados contextos sociais. Com relação às tatuagens escritas, vê-se que o padrão constitui-se de frases que refletem as experiências de vida e questões ideológicas da pessoa tatuada, geralmente apresentando grande carga emocional e filosófica, como, por exemplo, uma frase retirada de uma letra de música, livro ou dita por um filósofo ou pensador. Já uma tatuagem com os dizeres “Eu adoro bolo de chocolate” pode ser um enunciado que não corresponde ao tipo de frase que se costuma colocar em tatuagens. Diante disso, é possível enxergar a tatuagem como um gênero textual.

O estudo pautado na observação de tatuagens abarca essencialmente a questão do suporte desse texto, isto é, o corpo humano, uma vez que o fato de ter algo inscrito na pele através de pequenas perfurações somadas à aplicação de tinta é o que confere à tatuagem um caráter bastante peculiar se comparado a outras maneiras que o ser humano desenvolveu para expressar-se, pois o corpo é o *eu* materializado, é o meio através do qual os seres humanos

sentem a sua própria existência, pois é com o corpo que as pessoas falam, andam, escutam, enxergam, tocam. Segundo Pires (2005),

Os estados de espírito, as lembranças, os pensamentos, os objetivos, os afetos e os desafetos sempre estão imbuídos e sempre se imbuem nas marcas corporais. O corpo aqui é o receptáculo e o propagador do que se passa na alma e na mente. (PIRES, op. cit., p. 26)

Com isso, entende-se que a tatuagem significa a inscrição em si, então, aquilo que foi inscrito na pele é parte da constituição física de um próprio *eu*. Portanto, é um enunciado que não está fora, pois não está em um livro, em um pedaço de pano, nem em um tronco de árvore — está em *mim mesmo*.

De acordo com Marcuschi (2008), o suporte para textos apresenta-se como parte integrante da construção de significados de um enunciado e pode ser entendido como

[...] um suporte físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (op. cit, p. 174)

Para o referido autor (op. cit), a pele se apresenta como um suporte do tipo incidental, uma vez que é um meio casual de portar enunciados escritos, ou seja, é tido como um meio possível de inscrições, mas que não existe com o objetivo primordial de gravar enunciados. Por exemplo, o papel existe com o intuito primário de ser suporte para textos, é essa a sua função; já uma parede não é erguida para que sejam feitas inscrições nela, mas, no momento em que é feita uma pichação, ela passa a ser entendida também como um suporte para textos.

Uma vez que conceituamos a tatuagem e a circunscrevemos no domínio dos gêneros textuais, iremos brevemente situar essa prática ao longo da história. Observar como o panorama histórico colabora para obter uma visão mais completa desse gênero, pois a tatuagem é um fenômeno que está presente na expressão cultural humana de modo sistemático e significativo, atravessando fronteiras espaciais e temporais, mostrando-se uma prática difundida entre diversas culturas há milênios, representando, assim, um papel importante na experiência enunciativa humana.

Há indícios de tatuagens datando de, pelo menos, cinco mil anos atrás. O primeiro corpo tatuado que se tem notícia foi encontrado em uma geleira entre a Itália e a Áustria, em 1991 (GILBERT, 2000). As tatuagens descobertas consistem basicamente de marcas como pontos, traços retos em paralelo e uma cruz. Ao todo, o corpo encontrado possui em torno de 50 pequenas inscrições distribuídas na parte distal das pernas, na lombar e no punho esquerdo.

No período de descoberta de civilizações desconhecidas pelos europeus, especialmente a partir do século 15, os recém-chegados às novas terras se depararam com diversos tipos de costumes relativos ao ato de se tatuar, sendo esse também um dos aspectos analisados e estudados pelos estrangeiros, além das corriqueiras observações sobre a vegetação, clima, animais e aspectos gerais da cultura dos povos de terras recém-descobertas, como a religião, a alimentação e a língua. Por exemplo, o inglês John White, ao chegar à América do Norte (no atual território dos Estados Unidos), por volta de 1590, fez anotações e ilustrações acerca das marcas gravadas permanentemente na pele dos nativos norte-americanos (GILBERT, op. cit.). Com isso, vê-se que o estudo de como enunciação e corpo unem-se tomou forma no período das explorações marítimas europeias, iniciando análises formais e documentadas do modo como povos de diferentes partes do mundo utilizam o corpo como suporte textual.

Através dessas análises realizadas e documentadas por exploradores adentrando novos territórios, foi possível conhecer uma grande diversidade de povos em que a tatuagem atuava como parte constitutiva de uma cultura e da interação de um indivíduo nessa cultura, possuindo costumes diferentes para essa prática, como técnicas para fazer a tatuagem e razões para tatuar-se. Por exemplo, o corpo encontrado em 1991, mencionado anteriormente, apresenta tatuagens que supostamente possuíam relação com tratamento terapêutico. Nos portos, século XIX, a tatuagem tornou-se parte da cultura dos integrantes da marinha, por exemplo, da marinha britânica, tendo James Cook como um dos principais promotores dessa prática (ARAÚJO, 2005). A tatuagem em prisioneiros é também um exemplo, tanto a feita deliberadamente quanto a feita obrigatoriamente (como os prisioneiros de guerra); vê-se que em presídios a prática da tatuagem faz parte do cotidiano, e, em alguns casos, a tatuagem tem relação com o crime cometido pelo encarcerado. Assim, percebe-se que a tatuagem não existe como um elemento cultural vazio, mas, como uma prática viva, que acompanha as visões de mundo, crenças e costumes de uma comunidade.

Hoje em dia, observa-se que muitas das motivações desses povos antigos estão também presentes nas razões para se tatuar ainda na atualidade. Wohrab et al. (2006) estabelecem algumas categorias que impulsionam o ato de tatuar-se e de pôr *piercings*. Os autores elencam dez categorias gerais: beleza, arte e moda; individualidade; narrativa pessoal; resistência física; filiação de grupo e compromisso; resistência (social); espiritualidade e tradição cultural; vício; motivação sexual; e nenhuma razão específica. Essas categorias, apesar de haver uma divisão, não são absolutamente isoladas, pois uma só tatuagem pode se enquadrar em mais de uma categoria. Assim, vê-se que o ato de se tatuar não existe por uma única razão e um único propósito, mas, pode apresentar-se de variadas formas.

Com relação ao uso da língua inglesa em tatuagens escritas feitas por brasileiros, vê-se que também existem diferentes motivações para essa escolha, e que não necessariamente dizem respeito a essas categorias propostas por Wohlrab et al (op. cit.). Tais categorias referem-se ao momento de alguém optar por tatuar-se ou não, seja em língua materna, seja apenas com desenhos, seja em língua estrangeira; mas a “escolha” pela tatuagem em língua inglesa está mais relacionada ora à forte influência do inglês nos mais variados segmentos da comunicação e artes, categoria que chamamos hegemonia da língua inglesa, ora ao pensamento que as pessoas trazem de não traduzir a ideia ou frase original de uma dada pessoa para a língua de chegada para não “deformar” tal ideia ou declaração. Obviamente, existem outras razões para tatuar-se em língua inglesa, mas que fogem ao escopo desta pesquisa.

2.4 Por que estudar a tatuagem na sala de aula?

A sala de aula é um ambiente que deve incitar a reflexão, portanto, é importante que as aulas colaborem para que o aluno possa compreender melhor o mundo a sua volta e para incentivar o pensamento crítico a respeito do que lhe cerca. Desse modo, a aula de línguas, ao aproximar o aluno do âmbito das palavras, deve colaborar para que ele possa compreender diversos contextos sociais através da linguagem, elemento que é repleto de aspectos culturais e, por essa razão, ideal para demonstrar uma infinidade de questões ideológicas e sociais que colaborarão para a formação de um cidadão reflexivo e consciente.

Ao propor um estudo linguístico através de tatuagens, procuro demonstrar como o que se trabalha na aula de línguas pode ser amplo, pois, ao analisar tatuagens em inglês em contexto brasileiro, leva-se em consideração diversos aspectos interessantes, como a hegemonia da língua inglesa, questões de tradução, considerações sobre enunciado e gêneros textuais. Além disso, o trabalho com tatuagens em sala de aula pode ajudar a quebrar uma série de preconceitos que ainda existem contra pessoas tatuadas, que, atualmente, são cada vez mais comuns, especialmente em contextos mais urbanos.

O trabalho com gêneros textuais de diferentes esferas é uma concepção defendida por Marcuschi (2008), uma vez que o autor entende que o ensino de línguas, seja língua materna ou estrangeira, deve problematizar questões sobre o funcionamento social da linguagem. Marcuschi (op. cit.) trata da questão do trabalho com gêneros textuais em sala de aula levando em consideração a distinção entre compreensão e produção textual. No caso da tatuagem, o trabalho em sala de aula se resume à compreensão, uma vez que um professor obviamente não

poderia propor uma aula de produção textual em que os alunos fizessem tatuagens, pois fazer uma tatuagem é uma escolha que envolve razões bastante pessoais e que deve ser avaliada com cautela por ser algo que ficará marcado na pele. Porém, isso não significa dizer que um trabalho de leitura de tatuagens não seja benéfico também para produções textuais em geral, pois a compreensão e análise de enunciados realizados em determinadas situações de comunicação é um fator primordial para uma atenta observação textual, o que representa um ponto fundamental para a uma boa produção verbal.

Um exemplo a ser pensado para usar o gênero tatuagem em sala de aula é fazer uma seleção daquelas que possuem textos verbais e não verbais para propor uma atividade em que os alunos possam relacionar as imagens com o que é dito em palavras. Desse modo, os alunos precisariam compreender o significado das palavras para poderem entender que associação há com os desenhos. As tatuagens abaixo ilustram esse tipo de vínculo:



Fig. 1

Fonte: <http://www.tattoostime.com/images/457/freedom-word-and-bird-tattoo.jpg>
(Acesso em 27 de fevereiro de 2015)



Fig. 2

Fonte: <http://tattos.in/wp-content/uploads/2014/02/word-tattoo-ideas-faith.jpg>
(Acesso em 27 de fevereiro de 2015)

No caso da figura 1, vê-se que a relação entre palavra e imagem é feita a partir da letra “m”, pois parte dela é transformada em asas de pássaro durante o ato de voar, acrescentando à palavra “*freedom*” (liberdade) a imagem de um pássaro, animal que geralmente é associado a liberdade pelo fato de poder voar. Com relação à figura 2, vê-se a conexão entre a palavra “*faith*” (fé) e o símbolo da cruz, com a letra “t”, e também ao peixe, elementos simbólicos historicamente associados à fé cristã. Portanto, entende-se que a “fé” a que a pessoa que se tatuou faz referência é especificamente a fé cristã, e não simplesmente o sentimento de fé de uma maneira geral, o que delimita os significados que a tatuagem pode apresentar, pois se houvesse unicamente a palavra “*faith*” sem esses elementos, o significado poderia ser apenas relacionado a esperança, obstinação ou fé em qualquer outra coisa, como na humanidade ou em si mesmo. Através de uma breve análise das semioses envolvidas nessas tatuagens, é possível observar que as próprias letras que compõem o texto formam as imagens, pois as figuras não são formadas fora das palavras, uma vez que se formam através das próprias letras. Além desse tipo de atividade, nos apêndices deste trabalho também pode ser encontrada uma atividade de leitura que foi proposta em sala de aula e que será descrita em maiores detalhes na seção de análise dos dados.

Gomes (2013) discute a questão do uso de gêneros marginalizados em sala de aula através do grafite. Apesar de o grafite ser um gênero de texto diferente do aqui proposto para reflexão, a mesma discussão pode ser transferida para a tatuagem, por ser uma prática que também ainda é marginalizada por muitos. Segundo a autora, diversos textos ainda permanecem à margem da escola, apesar de possuírem características muito pertinentes para promover discussões interessantes, mas que acabam esquecidos em detrimento de gêneros mais tradicionais e canônicos. Assim, a autora ressalta que é preciso inserir no ensino de línguas gêneros textuais, considerados marginalizados, para ampliar a gama de textos com que se trabalha com os alunos e também para quebrar uma série de preconceitos a respeito de práticas comunicativas menos exploradas. Para a autora, o trabalho com gêneros marginalizados:

[...] ajuda a desconstruir a imagem negativa associada aos cidadãos que produzem tais textos, uma vez que esses autores, quase sempre, são desqualificados enquanto interlocutores de uma cultura, também não legitimada socialmente. (GOMES, op. cit., p. 130)

Outro fator elencado pela autora é a questão da proximidade que esses textos têm com os alunos (especificamente os de áreas mais urbanas), uma vez que, assim como o grafite ocupa as ruas de cidades por onde pessoas trafegam diariamente, e, portanto, está muito

presente em suas vidas cotidianas, a tatuagem também está presente nos corpos dos transeuntes por toda parte.

Diante dos fatores elencados ao longo desta pesquisa, vê-se que a tatuagem é um gênero textual que apresenta diversos elementos que podem ser considerados relevantes para o trabalho em sala de aula, pois incita questões propícias para discussão de conteúdos relativos à linguagem, história e cultura, abrangendo a percepção do aluno a respeito dos gêneros de textos que podem ser encontrados ao seu redor.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza descritivo-analítica. De acordo com Gil (2002), “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...]” (op. cit., p.42). Portanto, como a pesquisa se propõe a discutir as razões que fazem com que as pessoas escolham a língua inglesa para tatuarem o corpo, pode ser, assim, entendida como uma pesquisa do tipo descritivo-analítica, pois problematiza as tatuagens escritas feitas em língua inglesa por brasileiros e analisa as respostas dos participantes como forma de tentar descrever esse fenômeno.

Outra característica que determina a pesquisa como descritivo-analítica é a utilização de questionário e de observação sistemática. Segundo Gil (2002) “[...] uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.” (p.42). Nesta pesquisa, a entrevista foi aplicada com o intuito de descobrir as razões pelas quais as pessoas optam pela língua inglesa para se tatuarem, e, com isso, tornar possível agrupar essas justificativas e enxergá-las sob a luz de preceitos teóricos. No que se refere ao questionário aplicado em sala de aula, o objetivo era acessar o que pensavam os alunos a respeito de concepções sobre a presença do inglês no Brasil e sobre a questão da escolha de uma língua para uma tatuagem, e, assim, poder fazer um levantamento das concepções dos alunos e relacionar esses resultados obtidos no questionário com a fundamentação teórica que subjaz esta pesquisa, que é o inglês enquanto língua globalizante e o conceito de tradução como prática que modifica o sentido de um texto.

A pesquisa é de cunho qualitativo (cf. MONTEIRO, 2003), pois descreve e interpreta o fenômeno aqui observado, ou seja, o fato de haver pessoas brasileiras com tatuagens escritas em inglês é descrito pela autora e interpretado de acordo com os pressupostos teóricos que têm relação com os tipos de resposta dados pelos entrevistados para a pergunta de pesquisa, assim, a fundamentação teórica só pôde ser definida após a análise de todas as entrevistas que compõem o *corpus*. Além das entrevistas, o material recolhido na aula (gravação e questionário) também foi descrito e interpretado de acordo com as mesmas teorias que embasam as respostas dos entrevistados sobre suas tatuagens escritas.

3.1 Participantes e contexto da pesquisa

Participaram desta pesquisa dois grupos de pessoas, além, claro, da própria investigadora. O primeiro grupo era constituído pelas pessoas que portavam as tatuagens em língua inglesa e que concederam entrevista à pesquisadora. O segundo grupo era composto pelos alunos que integravam as turmas de Inglês Instrumental e Inglês para as quais a investigadora ministrou aulas sobre o gênero tatuagem.

A grande maioria das tatuagens recolhidas para compor o *corpus* foi encontrada na cidade de Campina Grande, apesar de haver também tatuagens encontradas em outras cidades, como João Pessoa, Recife e São Paulo. A idade desses participantes variava entre 20 e 37 anos, sendo 17 mulheres e 10 homens.

Com relação a aplicação do gênero tatuagem em sala de aula, os estudantes eram oriundos de duas disciplinas distintas ofertadas pela Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A primeira disciplina é denominada Inglês Instrumental, voltada para alunos da graduação de Letras, língua vernácula, e é composta por cinco alunos, sendo quatro mulheres e um homem. Suas idades variam entre 20 e 24 anos. Todos esses alunos eram pré-concluintes do Curso.

A segunda disciplina é intitulada Inglês e é voltada para estudantes dos cursos de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Física e Meteorologia. Havia 36 alunos, de idades entre 18 e 23 anos, sendo 25 homens e 11 mulheres. Os alunos dessa turma das ciências exatas são em sua maioria estudantes do segundo período de seus cursos.

3.2 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados divide-se em dois momentos: (1) a coleta dos depoimentos de pessoas que se tatuaram em inglês justificando essa escolha e (2) a coleta de dados com relação ao gênero tatuagem em sala de aula. O primeiro tipo de coleta se deu através da identificação de tatuagens escritas em língua inglesa em algumas pessoas brasileiras, assim, ao perceber que uma tatuagem era em inglês, esta investigadora se aproximava da pessoa e perguntava se poderia gravar uma entrevista a respeito da escolha da língua para a sua tatuagem. Em nenhum momento houve recusa, pois as pessoas foram sempre solícitas para participar da pesquisa. Para iniciar a entrevista e familiarizar o entrevistado com o tópico abordado, foram feitas perguntas a respeito da escolha entre tatuar uma figura e algo escrito, e, em seguida, era feita a pergunta sobre o porquê de a tatuagem ser em inglês, sendo essa segunda pergunta o foco do presente trabalho. Além disso, foram tiradas também fotos das tatuagens, no entanto, nem todas as tatuagens foram fotografadas, porque algumas não

poderiam ser fotografadas no momento devido ao lugar do corpo onde estava ou porque, no início da coleta do *corpus*, a autora ainda não tinha decidido se iria fotografar as tatuagens.

Conforme já dito, a segunda parte da coleta se deu através do trabalho com tatuagens em duas turmas diferentes da UFCG. As aulas foram gravadas e também foi aplicado um questionário a respeito do uso do inglês em contexto brasileiro, e, em seguida, especificamente esse uso em tatuagens. A análise do *corpus* foi feita qualitativamente com base em Bortoni-Ricardo (2008), que afirma que a pesquisa qualitativa “[...] procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto.” (op. cit., p. 34). Vejamos agora como procedemos nessas aulas.

A aula ministrada na turma de Inglês Instrumental II em 24 de novembro de 2014 teve como objetivo discutir questões sobre a hegemonia do inglês, tradução e sobre a questão de tatuagens escritas em inglês em contexto brasileiro.

Para iniciar a aula, entreguei aos alunos presentes alguns pedaços de papel que continham frases que seriam mostradas posteriormente, assim, eles iriam tentar entendê-las individualmente e depois cada um comunicaria ao grupo o que a sua frase queria dizer. Além de compreender a mensagem da frase, pedi também para que os alunos imaginassem em que lugar poderiam estar veiculadas as frases, para acessar se eles imaginaram que as frases se tratavam de tatuagens. As frases eram: “*Just look on the bright side*”³, “*Beneath the makeup and behind my smile, I'm just a girl who wants the world*”⁴, “*Made in Paraíba*”⁵, “*Silence Exile Cunning*”⁶, “*Never a failure always a lesson*”⁷, “*My sweet Lord*”⁸ e “*Shine bright like a diamond*”⁹.

Depois desse momento de criação de hipóteses, revelei aos alunos de onde as frases em questão foram retiradas. Como todas as frases eram tatuagens, pedi para que os estudantes pensassem o que mudava na compreensão das frases agora que eles sabiam que se tratavam de tatuagens. Com isso, os alunos disseram que a tatuagem possuía uma carga significativa bastante íntima da pessoa que se tatuou, ou seja, reflete as experiências de vida e o que pensa essa pessoa tatuada. Assim, nesse momento, foram projetadas as fotos das tatuagens coletadas na pesquisa e também ia falando um pouco dos significados por trás das tatuagens e de onde as pessoas haviam retirado essas frases.

³ “Enxergue apenas o lado bom” (Esta e o restante das traduções das tatuagens foram feitas pela autora deste trabalho)

⁴ “Por trás da maquiagem e do meu sorriso, sou apenas uma garota que quer o mundo”

⁵ “Feito na Paraíba”

⁶ “Silêncio, exílio, astúcia”

⁷ “Nunca um fracasso, sempre uma lição”

⁸ “Meu querido senhor”

⁹ “Brilhe forte como um diamante”

Em seguida, iniciei a discussão sobre a presença da língua inglesa em contexto brasileiro, pois é o caso das tatuagens em inglês apresentadas na sala. Primeiro comentei que, no Brasil, diariamente nos deparamos com o inglês no cotidiano, como em nomes de objetos, estampas de roupas, produtos e, como apresentado na aula, até mesmo nos corpos das pessoas na forma de tatuagens. Com isso, perguntei aos alunos o que eles achavam dessa “invasão” do inglês. Após a resposta deles, perguntei especificamente sobre o que eles achavam de brasileiros se tatuarem na língua inglesa. Em seguida, perguntei se eles fossem fazer uma tatuagem escrita, em que língua eles se tatuariam.

Diante dessa discussão, entreguei uma folha com as seguintes perguntas (V. APÊNDICE 2): “Você acha que o uso de termos da língua inglesa em contexto brasileiro é algo normal ou você acha que esse uso é errado? Por quê?”, “Por que você acha que pessoas brasileiras escolhem a língua inglesa para se tatuarem?”, “Se você fosse fazer uma tatuagem escrita em uma língua estrangeira, qual escolheria e por quê?” e “Você traduziria para português a frase em língua estrangeira que escolhesse para fazer uma tatuagem? Por quê?”. Esses questionamentos foram primeiramente introduzidos oralmente na aula e depois foi distribuído um papel com essas questões para eles responderem individualmente.

Para finalizar a aula, realizei um exercício de leitura em que haviam quatro tatuagens retiradas da *Internet* com os dizeres: “*Kindness*”¹⁰, “*Be the change you want to see in the world*”¹¹, “*If you never try, you’ll never know*”¹² e “*One life, one chance*”¹³. A atividade consistia em identificar qual tatuagem tinha relação com quatro comentários criados por mim como se fossem depoimentos das pessoas que se tatuaram.

A aula ministrada em 26 de novembro de 2014 para a turma de Inglês das Ciências Exatas teve um procedimento semelhante à primeira aula, com utilização das mesmas tatuagens e questionário. Apenas o início da aula foi diferente, uma vez que as frases a serem trabalhadas durante a aula foram projetadas por *datashow*, assim, os alunos iriam analisar as frases em conjunto, e não individualmente, como foi proposto na primeira aula. As frases foram exibidas de modo avulso, sem que fosse perceptível que eram tatuagens, assim, além de compreender seus significados, os alunos precisariam tentar imaginar onde estariam veiculadas.

¹⁰ “Ternura”

¹¹ “Seja a mudança que você quer ver no mundo”

¹² “Se você nunca tentar, jamais vai saber”

¹³ “Uma vida, uma chance”

3.3 Procedimentos de análise dos dados

A análise das tatuagens que compõem o *corpus* da pesquisa levou em consideração apenas a frase ou as palavras, portanto, nos poucos casos em que havia uma imagem associada a alguma figura, nos detivemos apenas à parte escrita. As respostas da entrevista foram analisadas a partir dos autores Rajagopalan (2005), Dendrinós (2004) e Giblin (2005), para as respostas que abarcam questões sobre a hegemonia e globalização da língua inglesa; Ricoeur (2011) e Berman (2006) para a análise das respostas que têm relação com a tradução. Desse modo, essas foram as duas categorias de análise desenvolvidas neste trabalho. Para poder dividir os dados entre esses dois grandes grupos (hegemonia e tradução) foi levada em consideração a justificativa principal dada pelo entrevistado, mas, ainda assim, mesmo havendo uma justificativa principal, algumas pessoas elencaram também aspectos secundários para a tatuagem ter sido em inglês.

Para a análise dos dados coletados nas aulas, observamos em que aspectos as gravações e o questionário faziam referência a fundamentação teórica deste trabalho e ao que foi dito pelas pessoas nas entrevistas a respeito de ter feito uma tatuagem em língua inglesa. Por exemplo, foi possível constatar que muitos dos alunos nos questionários responderam que, se fossem fazer uma tatuagem em língua estrangeira, não a traduziriam porque achavam que a frase perderia o sentido. Além disso, através das gravações e dos questionários foi possível observar como os alunos reagiram ao serem confrontados com um tipo de gênero textual que, segundo Gomes (2013), ainda pode apresentar certa resistência para ser levado para a sala de aula por ser tido ainda como marginalizado.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como dito antes, a presença da língua inglesa no cotidiano dos brasileiros foi um dos pontos principais que motivou a escrita desse trabalho, para que, assim, possamos analisar essa questão de maneira mais ampla e crítica. Para isso, a escolha da tatuagem em língua inglesa para representar essa presença do inglês em contexto brasileiro levou em consideração o fato de se tratar de um tipo de expressão através da linguagem que não é comumente explorado, apesar de suas características bastante peculiares e significativas. Portanto, esta seção do trabalho busca, em primeiro lugar, analisar como alguns brasileiros que portam tatuagens em língua inglesa justificam a escolha dessa língua para se tatuarem, e, em segundo lugar, procura propor algumas reflexões para o trabalho com este gênero em sala de aula a partir de duas experiências de ensino em aulas de inglês instrumental.

Para realizar a análise do *corpus* recolhido durante a pesquisa primeiramente se fez necessário segmentar os tipos de resposta a serem analisadas. Como já dito, no total, o *corpus* é composto por 32 tatuagens, no entanto, apenas 28 serão analisadas, porque quatro das 32 tatuagens não apresentaram uma razão clara para ser feita em inglês, portanto, optamos por deixá-las de fora. Durante as entrevistas, as pessoas falavam um pouco sobre a tatuagem e respondiam por que se tatuaram em inglês.

As respostas dadas pelos entrevistados para a razão pela qual se tatuaram em inglês foram analisadas seguindo os seguintes critérios: 1) hegemonia da língua inglesa em contexto brasileiro e 2) opção pela não tradução para não perder o “sentido” da frase, pois ela está originalmente em inglês. Com relação a categoria de hegemonia, dividiu-se as respostas em dois tipos: a) respostas em que o entrevistado expressou claramente que optou pela língua inglesa devido ao seu caráter globalizante, e, b) respostas em que o entrevistado não tinha tanta consciência da razão pela qual optou por esta língua, mas que pudemos perceber a influência das superpotências anglo-saxãs no seu gosto através da mídia.

Outros aspectos também puderam ser observados embora não tenham sido aprofundados por não serem do escopo desta pesquisa: conhecimento da língua; restrição da compreensão ou nenhuma razão específica. Apesar de haver essa segmentação para a análise, é importante lembrar que uma só tatuagem poderá se enquadrar em mais de uma categoria.

4.1 A língua da globalização na pele das pessoas

Algumas tatuagens se enquadram na categoria de hegemonia porque não houve um motivo claro e exato para a escolha da língua inglesa, mas que, no presente trabalho, assumiremos que essas pessoas usaram o inglês porque, ao observarem o mundo ao seu redor, percebem que o inglês está bastante presente no cotidiano, seja em comerciais, filmes, produtos ou na música, e, com isso, acabaram gravando essa língua também em seus corpos. Desse modo, tais pessoas se enquadram na questão da hegemonia da língua inglesa. Ainda assim, apesar da categorização principal ser a hegemonia, algumas dessas tatuagens apresentam também um motivo secundário, que discutiremos nas linhas que seguem.

4.2 A hegemonia da língua inglesa em contexto brasileiro

Dentre as que apresentaram uma razão clara para a opção em inglês, destacamos as tatuagens “*Freedom, justice, peace*”¹⁴ (Fig. 3) e “*My steps towards the art*”¹⁵ (Fig. 4), pois foram justificadas como tendo sido conscientemente escolhida a língua inglesa justamente devido ao seu caráter globalizante, o que possui relação com a questão do inglês como língua franca, e, diríamos ainda, como língua hegemônica.



Fig. 3



Fig. 4

Na tatuagem da figura 3, a entrevistada falou que os ideais expostos na tatuagem – liberdade, justiça e paz – são coisas que ela deseja que haja em todo o mundo, com isso, ao optar pela língua inglesa, ela estaria estendendo o significado dessas palavras para toda a humanidade, pois ela entende que ao optar pelo inglês, por ser a língua franca atual, ela estaria também transferindo esse caráter de universalidade que essa língua tem para os ideais

¹⁴ “Liberdade, justiça, paz” (Essa e as demais traduções das tatuagens do *corpus* foram feitas pela autora deste trabalho)

¹⁵ “Meus passos em direção a arte”

expressos na tatuagem, pois ela deseja que a liberdade, a justiça e a paz estejam presentes em todo o mundo, ou seja, ela atrelou a universalidade das ideias à universalidade da própria língua inglesa. Chamaremos essa primeira entrevistada de E1. Veja o excerto da entrevista:

E1: “... tanto na matemática, como no campo das letras, a língua inglesa é a língua universal. e é isso que eu queria demonstrar também, os ideais, né, que eu escrevi “liberdade, justiça e paz”, que são meus ideais, e que eu acredito que sejam também do universo humano, né? E por isso eu escolhi a língua inglesa, porque, pra mim, é a língua universal e eu representaria isso como toda a raça humana.”.

Nesse caso, vê-se que a língua em que a frase foi escrita ajuda a complementar o sentido da tatuagem. No entanto, ao analisarmos o histórico de dominação e expansão da língua inglesa, vemos que os ideais exibidos na tatuagem da entrevistada podem ser tidos como antagônicos quando comparados à justificativa apresentada para terem sido escritos em inglês, pois essa língua ascendeu como um meio de dominar e impor padrões culturais para outras nações do mundo, e não exatamente com o propósito de unir os povos em laços de igualdade, justiça e paz. Mas, ainda assim, é possível compreender a justificativa da entrevistada, uma vez que, como consequência da dominação e vasta expansão da língua inglesa, mesmo que por razões puramente econômicas, o inglês acabou, de fato, possibilitando a comunicação de povos de diferentes nacionalidades através da língua, como aconteceu anteriormente através de outras línguas, como o latim.

No caso da tatuagem da figura 4, a entrevistada falou que a razão por ter escrito em inglês foi por ser a língua que se fala em diversas partes do mundo, a língua da globalização, com isso, acaba se tornando uma língua com que as pessoas se tornam familiarizadas, e tal fato a impulsionou a escolher a língua inglesa para se tatuar, sendo ela mesma alguém com familiaridade com essa língua. Além disso, ela falou também que escolheu o inglês porque a frase em português ficaria muito longa, e acabaria não cabendo direito no pé, pois a letra teria que ficar muito pequena, prejudicando o efeito visual da tatuagem e a legibilidade das palavras. Assim, vê-se que a questão da escrita no corpo leva também em consideração aspectos não necessariamente sociais ou ideológicos, mas também estéticos.

Os donos das tatuagens “*Always stay strong*”¹⁶ (Fig. 5), “*Blessed*”¹⁷ (sem foto), “*Don’t let your dreams be dreams*”¹⁸ (Fig. 6) e “*Love Léo*”¹⁹ (Fig. 7) tiveram como razão principal para a escolha da língua inglesa por achar que a frase ficaria “melhor” ou “mais bonita”.

¹⁶ “Permaneça forte”

Quando os entrevistados comentam que a frase ficaria “mais bonita” ou “melhor” em inglês, eles não elencam nenhuma razão específica para justificar isso, como a história da língua ou a grafia das palavras. Assim, ao falar apenas que a tatuagem em inglês ficaria “melhor” ou “mais bonita”, sem explicar pontualmente em que aspectos está essa beleza, entende-se, no presente trabalho, que essa justificativa tem relação com a hegemonia da língua inglesa, que atribui para a língua o *status* de “bela” ou “melhor” devido à influência do poderio político, econômico e, conseqüentemente, cultural oriundo das nações anglo-saxãs ao qual está atrelada a língua.



Fig. 5

A tatuagem da figura 5 e a tatuagem “*Blessed*” pertencem à mesma pessoa. Na resposta, ela comentou que pensou as duas frases originalmente em português, mas decidiu tatuar-se em inglês também por achar que ficaria “mais bonito”. Chamaremos essa entrevistada de E2:

J: “Então as duas tatuagens que você pensou... os dizeres em português e depois traduziu pra o inglês. Você colocaria em português?”

E2: “Abençoada” não, mas essa daqui (“*Always stay strong*”) eu colocaria.

J: Mas colocou em inglês, né?

E2: Coloquei em inglês porque eu achei mais bonito.

Como um motivo secundário, a entrevistada comentou que o inglês é uma língua estrangeira que é mais fácil para as pessoas entenderem em contexto brasileiro, em oposição a línguas como o árabe ou o alemão, por exemplo. Com isso, ela falou que o sentido da

¹⁷ “Abençoado (a)”

¹⁸ “Não deixe os seus sonhos serem sonhos”

¹⁹ “Amor Léo”

tatuagem poderia ser mais acessível, uma vez que ela não havia feito a tatuagem para ficar escondida, mas, para que as outras pessoas a vissem e entendessem, resposta que tem relação também com a questão da universalidade da língua inglesa e, conseqüentemente, sua hegemonia sobre outros povos.

É inegável o fato de a língua inglesa ser a LE mais conhecida em contexto brasileiro, por ser a mais amplamente divulgada e requerida no mercado de trabalho. Entretanto, o que a torna “mais bonita” que as demais? Não seria o fato de ela ser apresentada assim? Quem legitima o que é belo (língua, arte, literatura) nas sociedades em geral? Não são as classes dominadoras? Assim, vê-se que a língua está diretamente atrelada ao país onde é falada oficialmente, conferindo a ela concepções e julgamentos que estão relacionados à cultura de determinado país, e não puramente à língua.



Fig. 6

O mesmo pode-se dizer do comentário da tatuagem da figura 6, que foi feita em inglês porque a pessoa falou que em português a frase ficaria “tosca”, “esquisita” e “sem graça”, como pode ser observado no excerto a seguir. Chamaremos esse entrevistado de E3:

J: “Em português, você pensou também?”

E3: Não, ficou muito tosco. ((risos))

J: Ficou como em português?

E3: É... “Não deixe os seus sonhos serem sonhos”.

J: Ah tá, você não gostou do jeito que ela soou?

E3: Não. Ficou meio esquisito, sem graça.”

Então, os adjetivos “esquisito”, “tosco”, “sem graça” estão relacionados de certo modo à sonoridade do enunciado, pois tanto em português a frase não soou bem para ele, mas

também se refere à carga semântica, que, ao ver do entrevistado, não parece ser a mesma em língua materna, o que corrobora com os pressupostos de Ricoeur anteriormente apresentados. Essa resposta sobre a opção por língua inglesa envolve, portanto, elementos de sonoridade da língua, de tradução (a ideia que se quer veicular parece ser mais premente na língua de origem do que na língua materna) e de hegemonia da língua inglesa (um país que tem supremacia sobre os demais dita o que é belo), não sendo possível analisá-las de modo tão separatista.



Fig. 7

Seguindo esse mesmo raciocínio, a tatuagem da figura 7 foi uma homenagem tanto para o filho quando para o marido da entrevistada, pois ambos têm o nome “Leonardo”. Além das palavras, a tatuagem também é composta pelo símbolo do infinito, demonstrando que o amor que ela sente por eles é infinito. A entrevistada não soube responder com clareza o porquê do inglês, mas comentou que achou que em inglês ficaria “mais bonito”.

Após a análise acima, identificamos que dentro da categoria de hegemonia existem tipos diferentes de resposta para a pergunta sobre a razão pela qual a pessoa se tatuou em inglês, e também outras razões secundárias. Considerando a categoria de hegemonia, vê-se que duas pessoas (figuras 3 e 4) haviam refletido sobre a escolha da língua inglesa para a tatuagem e fizeram essa opção conscientemente, tendo em mente a questão do inglês enquanto língua franca. Outra distinção pode-se constatar também entre as pessoas que escolheram essa língua por achá-la “mais bonita”, com isso, entra em questão a noção da língua inglesa relacionada à sua conexão com nações de grande influência mundial, que, por essa razão, são vistas por alguns como exemplos a serem seguidos porque representam um modelo padrão de beleza, o que reflete na maneira como as pessoas enxergam a língua que se fala nessas nações. A pessoa da tatuagem da figura 6 se enquadra em mais de uma categoria,

como vimos. A seguir, a análise se deterá as respostas das entrevistas que se enquadram no âmbito da tradução.

4.3 Tradução e perda do “sentido original”

A segunda categoria que será discutida é a de tatuagens que foram escritas em inglês porque a pessoa não queria traduzir por achar que a frase perderia o sentido original. De modo geral, as tatuagens que compõem esse grupo são originárias de letras de música, poemas, citações de pessoas famosas e expressões cristalizadas em inglês. Assim como na categoria de hegemonia da língua inglesa, algumas tatuagens que compõem a categoria de tradução possuem também outras razões secundárias para terem sido escritas em inglês, no entanto, a justificativa de optar por não traduzir foi a principal razão elencada pelos entrevistados.

As tatuagens “*Heart and soul, one will burn*”²⁰ (Fig. 8), “*Just look on the bright side*”²¹ (Fig. 9), “*Let me be the one that shines with you... and we can slide away*”²² (Fig. 10), “*My sweet Lord*”²³ (Fig. 11), “*This is the strangest life I've ever known*”²⁴ (Fig. 12), “*Shine bright like a diamond*”²⁵ (Fig. 13), “*No chains around my feet, but I'm not free*”²⁶ (Fig. 14), “*Song of freedom*”²⁷ (Fig. 15) e “*Born this way*”²⁸ (sem foto) foram inspiradas em músicas. A tatuagem da figura 8 é uma frase da música da banda Joy Division, a 9 da banda Never Shout Never, a 10 da banda Oasis, a 11 do ex-Beatle George Harrison, a 12 da banda The Doors, a 13 da cantora Rihanna, a 14 e a 15 de Bob Marley, e a *Born this way*, da cantora Lady Gaga.

²⁰ “Coração e alma, um deles queimará”

²¹ “Enxergue apenas o lado bom”

²² “Deixe-me brilhar com você... e poderemos nos esvair”

²³ “Meu querido Senhor”

²⁴ “Essa é a vida mais estranha que já conheci”

²⁵ “Brilhe forte como um diamante”

²⁶ “Não há correntes ao redor dos meus pés, mas não sou livre”

²⁷ “Canção da liberdade”

²⁸ “Nascido assim”



Fig. 8



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12



Fig. 13

De modo geral, essas tatuagens foram feitas porque as pessoas se identificavam profundamente com determinada música, e, para deixar gravada a admiração que sentiam tanto pela música quanto pelos artistas, as pessoas utilizaram a própria pele. Segundo os entrevistados, a preferência por não traduzir se deu porque eles acreditam que a essência da

frase poderia ser perdida, o que anularia toda a ideia que queriam veicular com a tatuagem. Portanto, dentro desse tipo de justificativa, vê-se a concepção discutida por Ricoeur (2011) com relação à ideia da difícil (ou impossível, dependendo da frase) tarefa de traduzir o que foi dito em uma língua e conseguir manter o *mesmo sentido* original, especialmente com relação a tradução literária.

Com relação à tatuagem da figura 12, é interessante mencionar que a entrevistada ressaltou que o local de escolha para a tatuagem tem relação direta com o significado da frase, pois a entrevistada escolheu se tatuar no tornozelo porque teria ligação com a ideia de estar preso pelos pés que o trecho da música apresenta. Desse modo, vê-se que a escolha do lugar do corpo para uma tatuagem pode ajudar a compor o seu significado.



Fig. 14

Agora observemos outra tatuagem:



Fig. 15

Além da intenção de manter o sentido original, a tatuagem da figura 15 também foi em inglês porque foi feita no pé e a frase em português seria maior do que em inglês (“Canção da liberdade”) e, por ser maior, a frase doeria mais para fazer. Observe os comentários desse entrevistado (E4):

E4: “Aí eu coloquei em inglês porque:: minha opção era colocar em português, e é uma tatuagem em conjunto né, eu e meu esposo, a gente colocou em inglês porque tanto é o original da letra da música, que é em inglês, como porque ficaria menor no pé, o “*freedom*” é menor do que a palavra “liberdade”, aí por isso que eu coloquei, e aí também ia doer menos.”

Diante disso, a entrevistada comentou que optou pelo inglês pensando também que sentiria menos dor, uma vez que a frase seria menor. Com esse tipo de resposta, vemos que a tatuagem representa uma maneira bastante peculiar de escrita também porque envolve a dor, ou seja, ao escrever definitivamente na pele, a pessoa sente a frase sendo escrita no seu próprio organismo, processo que geralmente envolve dor. Assim, ao comparar com outros tipos de escrita, como a escrita em papel, vemos que há esse outro diferencial.

A tatuagem “*Born this way*” apresentou também outras razões para ter sido em inglês, como o gosto pela língua e também por achar que a frase fica mais bonita em inglês, o que tem relação com a ideia apresentada anteriormente sobre as respostas que envolvem a justificativa de beleza da língua para escolher o inglês, como pode ser constatado no comentário a seguir. Chamaremos essa entrevistada de E5:

E5: “Eu gosto, porque eu gosto da língua inglesa, em primeiro lugar. Em segundo porque eu acho que fica muito mais bonito em inglês do que em português e porque também é uma letra de uma música também, então fica esquisito escrever uma letra de uma música estrangeira em português numa *tattoo*”.

As frases que são citações ou tatuagens já existentes são “*Beneath the makeup and behind my smile, I’m just a girl who wants the world*”²⁹ (Fig. 16), “*Never a failure always a lesson*”³⁰ (Fig. 17), “*Silence, exile, cunning*”³¹ (Fig. 18) e “*Love is enough*”³² (Fig. 19).

²⁹ “Por trás da maquiagem e do meu sorriso, sou apenas uma garota que quer o mundo”

³⁰ “Nunca um fracasso, sempre uma lição”

³¹ “Silêncio, exílio, astúcia”

³² “O amor basta”

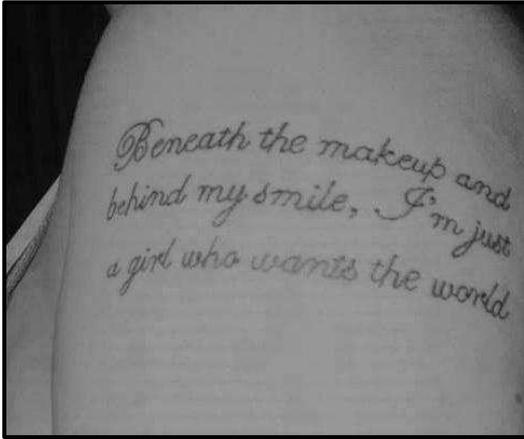


Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18

A primeira (Fig. 16) é uma citação de Marilyn Monroe e a entrevistada falou que, por ter sido dita em inglês, a tatuagem deveria ser também em inglês. Já as frases das figuras 17 e 18 são cópias das tatuagens feitas por Rihanna e Johnny Depp, respectivamente. Nesse caso, as pessoas que se tatuaram fizeram uma homenagem a esses artistas fazendo em si próprias tatuagens que seus ídolos possuem, e, se fossem traduzir, a tatuagem acabaria não sendo mais a mesma, como pode ser visto no excerto da entrevistada da figura 18 (E6):

E6: “Não, porque perderia o sentido do que eu queria passar, já que é uma homenagem e teria que ser igual a dele [...]”

A tatuagem da figura 19 é de uma frase já existente, porém, não necessariamente de uma pessoa famosa, como as tatuagens das figuras 16, 17 e 18.



Fig. 19

A tatuagem da figura 19 representa uma espécie de filiação entre amigas, ou seja, quatro amigas (incluindo a entrevistada) têm a mesma tatuagem porque uma delas está com leucemia, e a tatuagem representa a união diante desse problema de saúde que acometeu uma delas, assim, já que a amiga adoentada tinha a frase em inglês, a frase da entrevistada deveria ser igual para manter a noção de união. Assim, vê-se que havia uma frase original em inglês que foi copiada, portanto, se fosse traduzi-la, a tatuagem não seria mais igual, perdendo a intencionalidade que a entrevistada tinha ao fazer a tatuagem.

Com relação às tatuagens “*Made in Paraíba*” (Fig. 20)³³ e “*Made in Babylon*”³⁴ (sem foto), observa-se um tipo diferente de justificativa para a pessoa resolver não traduzir, porque, nesse caso, a expressão “*made in*” já está cristalizada em contexto brasileiro devido ao seu uso comum para designar onde certos produtos são produzidos, como o famoso “*Made in China*”.



Fig. 20

³³ “Feito na Paraíba”

³⁴ “Feito na Babilônia”

Assim, ambos os entrevistados que possuíam essa tatuagem disseram que se fossem traduzir para “feito” ou “fabricado” a frase não teria o mesmo impacto, pois o “*made in*”, segundo eles, é muito mais expressivo.

Outro caso parecido com o de “*made in*” foi a tatuagem “*Frame a frame*”³⁵ (Fig. 21), porque é uma expressão usada no campo da computação gráfica, área em que atua o entrevistado.



Fig. 21

Com essa tatuagem, ele quis fazer uma espécie de homenagem ao tipo de trabalho que realiza e a essa técnica específica (“*frame a frame*”), que tem a ver com o enquadramento de imagens. Assim, como a expressão já é cristalizada em língua inglesa e não se usa comumente uma tradução, o entrevistado falou que, se traduzisse, não iria veicular a mesma ideia. É interessante ressaltar também que a expressão “*frame a frame*” não é totalmente em língua inglesa, porque o “a” entre as palavras tem o sentido de “por”, quer dizer “quadro por quadro”, ou seja, uma técnica em que cada enquadramento ou cena é feito por vez. Nesse caso, vemos que essa expressão é uma mistura de português e inglês.

A categoria que apresenta a tradução como impossibilidade para justificar as tatuagens feitas por brasileiros é a que se sobressai em relação às outras, pois, de 32 tatuagens, 16 delas apresentaram essa justificativa como principal, ou seja, metade do número total do *corpus*. Ainda assim, esse tipo de resposta está, de certa forma, também atrelado à questão da hegemonia da língua inglesa que se realizou através da cultura midiática, como filmes e músicas, que são, em sua maioria, produzidas em língua inglesa ao redor do mundo. Nesse

³⁵ “Quadro por quadro”

caso, não se trata da hegemonia que se manifesta através da política e do desenvolvimento industrial de países como a Inglaterra ou os Estados Unidos, mas a hegemonia que amplamente se mostra através da cultura midiática, conforme discutido em Giblin (2002), uma vez que os produtos culturais produzidos em língua inglesa possuem um alcance enorme, se comparado a outras línguas.

4.4 Outros motivos

Foram coletadas também tatuagens que apresentam outros motivos em que não foi possível acessar uma justificativa clara para enquadrá-las nem na categoria de hegemonia nem na de tradução. São elas: “*Love is enough*”³⁶ (Fig. 22), “*Thank God for everything*”³⁷ (Fig. 23), “*Love never fails*”³⁸ (Fig. 24), “*Love*”³⁹ (Fig. 25), “*Free*”⁴⁰ (Fig. 26) e “*I’m lost*”⁴¹ (Fig. 27).



Fig. 22



Fig. 23

A tatuagem da figura 22 foi vista em duas pessoas (como também pode ser observado na Fig. 19), ambas com razões diferentes para terem feito a tatuagem. Para o segundo caso, a tatuagem foi em inglês porque ela copiou uma imagem que viu na *Internet*, assim, preferiu manter como havia visto previamente, sem mudar para nenhuma outra língua, especificamente devido a grafia do inglês ficar mais bonita por causa do “l”, o que causa certa leveza na parte visual da frase, “l” que não existiria se a frase fosse “o amor é suficiente” ou

³⁶ “O amor basta”

³⁷ “Agradeça a deus por tudo”

³⁸ “O amor nunca falha”

³⁹ “Amor”

⁴⁰ “Livre”

⁴¹ “Estou perdido (a)”

“o amor basta”. Assim, vê-se a escolha da língua levando em consideração questões estéticas com relação à caligrafia com a qual a tatuagem é escrita.

A frase da figura 23 foi feita para homenagear um amigo do entrevistado que havia publicado essa frase em uma rede social na *Internet*. Além disso, o entrevistado também falou que gostou do fato da frase ser em uma língua estrangeira porque desperta a curiosidade das pessoas que talvez não entendam o que está escrito.

A tatuagem da figura 24 foi feita para expressar religiosidade, pois é um versículo da bíblia, o qual significa “O amor nunca falha”:



Fig. 24

Uma das razões que impulsionou a pessoa a colocar a frase em inglês foi o fato de ter essa língua como objeto de trabalho, pois ela é professora de inglês, assim, a tatuagem, além de representar uma crença, seria também reflexo da sua profissão. Segundo a entrevistada, a escolha pelo inglês se deu também pelo fato de “*Love never fails*” ocupar menos espaço do que “O amor nunca falha”, o que seria mais adequado para uma tatuagem feita em um espaço limitado como o pé. Mais uma vez, vemos a língua inglesa sendo escolhida por questões de espaço para a escrita, pois as frases em questão (as das figuras 4 e 15) ficavam mais curtas em inglês e também apresentam essa justificativa, além das questões de hegemonia (Fig. 4) e de tradução (Fig. 15).

A tatuagem da figura 25 não obteve uma resposta específica para o fato de ser escrita em inglês, porque a pessoa apenas respondeu que não sabia responder essa pergunta.



Fig. 25

Outra razão para a escolha da língua inglesa por dois entrevistados foi para poder restringir a compreensão, porque, ao fazer uma tatuagem em português no Brasil, a frase seria compreendida pela maioria da população, e, ao colocar em uma língua estrangeira, no caso, o inglês, a tatuagem ficaria com o sentido velado para boa parte das pessoas. Esse é o caso das tatuagens representadas nas figuras 26 e 27.



Fig. 26



Fig. 27

Além disso, esta última tatuagem foi em inglês também porque a entrevistada falou que preferia se tatuar em uma língua que conhecesse, uma vez que, para velar o sentido da frase ela poderia ter escolhido qualquer outra língua estrangeira, mas ela tem mais familiaridade com o inglês. Com isso, a entrevistada disse que evitaria estar com algo tatuado que ela não tivesse ideia do que se tratava, caso tivesse escolhido uma língua que não conhecesse, e, assim, estar com a grafia errada ou com algum erro gramatical na pele. Ela comentou também que optou pelo inglês porque gosta da língua, gosto esse que talvez possa ser justificado pela ampla difusão da língua, pois, quanto mais possibilidades de entrar em

contato e conhecer uma língua, mais as chances das pessoas poderem gostar e se familiarizar com ela. Abaixo está em excerto do que a entrevistada falou, a qual chamaremos de E7:

E7: “Eu escolhi inglês porque nem todo mundo ia conseguir ler, na verdade, não era meu objetivo que ninguém lesse ou entendesse os meus motivos por trás da tatuagem, então eu fiz uma coisa que, assim, que pelo menos reduziria um pouco as pessoas que iriam entender. Como o inglês é uma língua que eu conheço, que eu sabia o que eu estaria escrevendo na língua inglesa, eu achei que seria mais seguro do que colocar em alguma língua que eu não conheço, japonês, chinês, coreano, enfim, porque aí, no caso, talvez eu nunca fosse descobrir um erro que tinha, que pudesse aparecer na frase, tipo usando o *Google translator*, por exemplo. Eu podia passar a vida com “sopa” escrito.”

Com relação ao gosto pela língua, vê-se que a proximidade com o inglês pode ter relação com o desenvolvimento desse gosto, pois, por exemplo, dificilmente podemos dizer que gostamos de sueco se desconhecemos essa língua e raramente a vemos ao nosso redor. Já o inglês, por ser mais difundido, as pessoas podem desenvolver um gosto porque têm mais possibilidade de estudá-lo e de entrar em contato com ele no seu dia a dia. Além da tatuagem 27, outras também apresentaram essa justificativa de gosto pela língua, como as tatuagens “*Born this way*” e a representada na figura 9, ambas mencionadas na categoria da tradução.

Apesar da questão do gosto pela língua inglesa, a vontade de restringir a compreensão, a sonoridade e a caligrafia não representam os motivos principais para a análise do *corpus* deste trabalho, fez-se necessário apresentá-los ainda que de modo breve para que pudesse ser feito um panorama completo sobre os tipos de respostas que foram coletadas.

4.5 Experiências com o gênero tatuagem na aula de inglês instrumental

Para que a questão de tatuagens em língua inglesa feita por brasileiros pudesse ser pensada no âmbito da sala de aula, fez-se necessário incluir no trabalho um momento em que essa proposta fosse pensada para o ensino de línguas. Portanto, a seguir serão feitos comentários sobre como se deu o trabalho nessa temática em duas turmas diferentes, ambas disciplinas de inglês instrumental ofertadas na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), uma para uma turma voltada para alunos de Letras de língua vernácula e a outra para alunos de cursos variados. As aulas tiveram como objetivo discutir questões sobre a hegemonia do inglês, tradução e sobre a questão de tatuagens escritas em inglês em contexto

brasileiro. A transcrição integral das aulas ficou inviável devido a problemas com o áudio, mas alguns trechos podem ser conferidos aqui e nos anexos desta pesquisa.

Para iniciar a aula, na turma de Letras – Língua Vernácula, entregamos aos alunos presentes alguns pedaços de papel que continham frases que seriam mostradas posteriormente, assim, eles iriam tentar entendê-las individualmente e depois cada um comunicaria ao grupo o que a sua frase significava. Além de compreender a mensagem da frase, pedi também para que os alunos imaginassem em que lugar elas poderiam estar veiculadas, para acessar se eles imaginaram que as frases se tratavam de tatuagens. As frases eram: “*Just look on the bright side*”, “*Beneath the makeup and behind my smile, I'm just a girl who wants the world*”, “*Made in Paraíba*”, “*Silence Exile Cunning*”, “*Never a failure always a lesson*”, “*My sweet Lord*” e “*Shine bright like a diamond*”. Todas as tatuagens escolhidas para a aula foram aquelas em que o entrevistado preferiu não traduzir para não modificar o sentido original.

Na segunda turma, a composta por estudantes de Meteorologia, Física, Engenharia Mecânica e Elétrica, devido ao maior número de alunos, projetei por *datashow* as frases que iria trabalhar durante a aula (as mesmas da turma anterior), assim, os alunos iriam analisar as sentenças em conjunto, e não individualmente, como foi proposto na primeira turma. As frases foram exibidas como enunciados avulsos, sem que fosse perceptível que eram tatuagens.

Na turma de Letras, durante a exposição de cada um sobre que significavam as frases e de onde poderiam estar veiculadas, não houve ninguém que pensou que se tratava de uma tatuagem. A frase “*Made in Paraíba*” foi considerada por L1⁴² uma embalagem de produto; já a frase “*Never a failure always a lesson*”, a aluna L2 achou que se tratava de um centro de recuperação, como os Alcoólicos Anônimos. Para a frase “*Shine bright like a diamond*”, L3 imaginou que poderia ser algo relacionado a uma loja de joias, como uma propaganda. Um veículo de comunicação que a maioria dos alunos tanto da turma de Exatas quanto da de Letras indicou como possíveis lugares de enunciação das frases foram nas redes sociais. Como com relação a tatuagem “*Just look on the bright side*”, vejamos os excertos:

Jessica: “Apenas olhe para o lado bom”. Certo. Aí vocês acham que isso tá aonde?

Ex2: Acho que é em uma propaganda.

Ex3: Livro de auto-ajuda.

Jessica: É, pode ser.

⁴² Para preservar sua identidade, alunos desta turma serão identificados segundo a letra L (Letras) e um número.

Ex4: Facebook.

(risos da turma)

Jessica: É, pode ser, uma legenda de foto...

Ex5: Numa *selfie*.

(risos da turma)

Em praticamente todas as respostas, os alunos acreditavam que o meio de publicação havia sido o virtual. Outros tipos de suporte mencionados também foram livros e revistas. O gênero propaganda também foi lembrado, como nas frases “*Just look on the bright side*” e “*Shine bright like a diamond*”, sendo a segunda, de acordo com Ex3⁴³, uma propaganda de loja de joias. Diferentemente da primeira aula, na segunda aula surgiu a hipótese de uma frase ter sido veiculada em uma tatuagem quando a frase “*Made in Paraíba*” foi projetada, além de também terem pensando, devido ao caráter da frase, que se tratava de um produto. A frase “*Shine bright like a diamond*”, por ser o trecho de uma música famosa, logo foi identificada como tal por Ex2, assim, o gênero música foi também uma hipótese. As falas a seguir resumem os tipos de respostas dadas pelos alunos com relação à tatuagem “*Beneath the makeup and behind my smile, I'm just a girl who wants the world*”:

Jessica: Agora vamos pensar assim: onde é que esse texto está? Ele é o que?

Ex1: Eu acho que em um livro, eu acho.

Ex4: Entrevista.

Ex2: Pode ser um trecho de música.

Em ambas as turmas, depois desse momento de criação de hipóteses, foi revelado aos alunos de onde as frases em questão haviam sido retiradas. Nesse momento, a surpresa dos alunos foi clara, o que demonstra como a tatuagem é, de fato, um gênero que pouco se usa em sala de aula. Ao mostrar as frases como tatuagens, pedi para que eles percebessem que diferença havia entre ver a frase avulsa e depois escrita no corpo de uma pessoa. Nas duas aulas, os alunos quase em uníssono mencionaram que a diferença principal era a questão da pessoalidade, ou seja, ao tatuar uma frase no corpo, a pessoa automaticamente assume para si aquela ideia, tornando-se algo bastante íntimo. Até esse momento, ainda não havia sido comentado o que levou as tatuagens a serem escritas em inglês, porque essa questão seria comentada depois da aplicação do questionário.

⁴³ Para preservar sua identidade e para distingui-los da turma de Letras – Língua Portuguesa, os estudantes da turma de Exatas serão identificados de acordo com a letra Ex (Exatas) seguida de um número.

Outro aspecto mencionado, desta vez por Ex3, foi a questão da permanência, pois, quando algo é tatuado no corpo, muito dificilmente será apagado, o que reforça a ideia de personalidade e intimidade com a frase (apesar de haver técnicas de remoção, mas que geralmente são procedimentos caros e que ainda deixam marcas). Além disso, por estar gravado na pele, Ex4 mencionou que a tatuagem serve também como um lembrete, assim, a pessoa sempre que ver aquela tatuagem se lembrará de algum fato ou ideia que quer levar consigo para toda a vida. Vejamos os excertos:

Ex5: É algo que foi muito importante pra pessoa [...].

Ex2: É algo permanente, que pode incentivar a pessoa a não desistir, é motivacional.

Após a discussão sobre as tatuagens levadas para a aula, iniciamos a discussão sobre a presença da língua inglesa em contexto brasileiro, pois é o caso das tatuagens em inglês apresentadas na sala. Primeiro comentei que, no Brasil, diariamente nos deparamos com o inglês no cotidiano, como em nomes de objetos, estampas de roupas, produtos e, como apresentado na aula, até mesmo nos corpos das pessoas na forma de tatuagens. Com isso, perguntei aos alunos o que eles achavam dessa “invasão” do inglês. Na turma de Letras, a maioria dos alunos disse que achava essa presença do inglês normal, apenas uma das alunas, L4, disse que achava esse uso abusivo e que a língua portuguesa deveria ser mais privilegiada no Brasil. Consideremos sua fala:

L4: Eu preferia que fosse tudo em português no Brasil [...], as meninas na escolinha deixam de cantar uma música em português pra ficar cantando direto música em inglês [...] não valoriza o da gente, elas não querem saber de música nacional.

Através da resposta de L4, percebemos o discurso de que a presença maciça do inglês no cotidiano de brasileiros, como por músicas, conforme comentou a aluna, é um indício da falta de valorização com o que é nacional, pensamento que vai de acordo com a ideia defendida pelos puristas, de que a inserção desmedida de uma língua estrangeira compromete a ideia de uma identidade nacional sólida. Na segunda turma, a maioria dos alunos também falou que a forte presença do inglês no Brasil é um fato consolidado e que não deve ser considerado algo necessariamente ruim. Com isso, vemos que nas aulas houve duas correntes de pensamento sobre a questão do inglês em contexto brasileiro: tanto os que acham esse fato inadequado (em menor número), quanto os que não veem problema nessa “invasão” (a

maioria dos alunos), pois já encaram essa presença do inglês naturalmente, uma vez que o referido idioma conquistou esse espaço no mundo há décadas, tornando-se a língua franca da atualidade. Desse modo, as pessoas já nem estranham a sua presença no seu cotidiano, achando esse fato natural e já parte das suas vidas, sem necessariamente questionar ou contestar. Assim, vemos refletida na discussão em sala de aula as mesmas concepções discutidas na fundamentação teórica com relação aos que discordam e aos que enxergam com naturalidade a forte presença do inglês em países onde não é língua oficial.

Em seguida, perguntei especificamente sobre o que eles achavam de brasileiros se tatuarem na língua inglesa. Mais uma vez, a mesma aluna da turma de Letras que discordou da forte presença do inglês no Brasil, também criticou o seu uso em tatuagens. Outra aluna da turma comentou que as pessoas que se tatuam querem chamar atenção, e, ao se tatuar em uma língua estrangeira, chamam mais atenção ainda. A ideia de “chamar a atenção” pode talvez estar vinculada a duas razões: chamar a atenção devido ao fato de ser em inglês, e, por isso, ser uma tatuagem que supostamente possui mais prestígio social devido a relação que é feita entre a língua de uma nação e a sua influência no mundo, ou chamar atenção no sentido de fazer com que as pessoas que não conhecem a língua inglesa fiquem em dúvida sobre o que se trata a frase, talvez sendo até preciso perguntar a pessoa que se tatuou qual é o seu significado.

Diante dessa discussão, foi entregue em ambas as turmas uma folha (V. APÊNDICE 1) com o questionário, cujas perguntas já foram mencionadas na metodologia. Antes de começarem a responder, foi brevemente discutido com os aprendizes a questão da língua inglesa presente em contexto brasileiro. Observe um trecho dessa discussão na segunda aula introduzida pela pesquisadora:

Jessica: Tenho certeza que vocês já perceberam isso, né? Você andando na rua ou na *Internet*, está nos lugares, você vê coisas escritas em inglês. Agora mesmo eu tô vendo duas blusas aqui [...] então, só nessa turma aqui, duas pessoas com uma blusa que tem palavras em inglês. Aí você vai ao centro de Campina e vê lojas, especialmente as de tecnologia [...].

Com relação às respostas do questionário, na primeira questão (“Você acha que o uso de termos da língua inglesa em contexto brasileiro é algo normal ou você acha que esse uso é errado? Por que?”), percebe-se, assim como na discussão oral, que a maioria dos alunos respondeu que a presença da língua inglesa em contexto brasileiro é algo normal, uma vez que se trata de uma língua que se espalhou pelo mundo de maneira bastante abrangente, portanto,

vê-se que a maioria dos alunos não acha que esse fato seja algo necessariamente negativo e que deva ser combatido, como pode ser constatado a seguir:

Ex5: Normal. Pelo fato de já estar introduzido na cultura brasileira, do brasileiro consumir muitos produtos que não sejam fabricados no Brasil.

Ex6: O uso de termos da língua inglesa em contexto brasileiro é algo normal, pois já é costume aderir ao nosso cotidiano palavras de outras línguas.

Além disso, alguns alunos comentaram que achavam essa presença do inglês algo até benéfico, pois colabora para o aprendizado dessa língua, ajudando a entrar em contato com o vocabulário, assim, eles podem reconhecer mais o vocabulário quando entram em contato com textos em inglês, como é possível constatar com o excerto:

Ex10: Normal, pois é algo que está presente no nosso cotidiano e também é bom para se ter um conhecimento, apesar de pouco, de outra língua.

No entanto, um aluno respondeu que é importante valorizar mais o português, uma vez que estamos no Brasil e vivendo a cultura e valores brasileiros, e, ao aceitar a presença maciça de outra língua, os brasileiros estão desvalorizando a sua própria cultura, como vemos no excerto:

Ex11: Não que seja errado, mas os brasileiros deveriam dar preferência a sua língua.

Sobre a segunda questão (“Por que você acha que pessoas brasileiras escolhem a língua inglesa para se tatuarem?”), alunos tanto da turma de Exatas quanto de Letras comentaram que optar pelo inglês pode ter relação com a beleza da língua, por acharem que a frase em inglês ficaria mais legal e elegante, resposta que também foi dada por algumas pessoas entrevistadas que compõem o *corpus* deste trabalho. Outras respostas foram no sentido de achar que se tatuar em inglês é uma maneira de chamar a atenção e despertar a curiosidade das outras pessoas:

L1: É possível que por uma questão de prestígio, já que essa língua é mundialmente conhecida e adotada por muitos países.

Ex1: Por se tornar mais interessante, chamativo e atrair curiosidade nas pessoas.

O inglês como língua franca também foi mencionado por alguns alunos da turma de Exatas, pois acham que as pessoas se tatuam em inglês o fazem para que a tatuagem possa ser entendida por pessoas de diferentes nacionalidades, já que o inglês é a língua franca da atualidade, respostas que têm relação com a o inglês enquanto língua globalizante.

A influência da cultura midiática, de cantores e atores famosos foi também comentada, pois um dos alunos da turma de Exatas falou que as pessoas que optam pelo inglês podem estar influenciadas por atores e cantores famosos de países anglo-saxões, e também pela mídia:

Ex14: Na minha opinião, devem ser inspiradas em astros do cinema ou em cantores.

Ex15: A mídia influencia as pessoas de forma direta.

Assim, vemos que alguns alunos deram respostas que têm relação com a força do inglês através da mídia e, no caso do Ex14, essa influência especificamente atrelada a atores e cantores famosos.

No que concerne à terceira questão (“Se você fosse fazer uma tatuagem escrita em uma língua estrangeira, qual escolheria e por que?”), a maioria das pessoas respondeu que escolheria o inglês, mas também houve pessoas que preferiam línguas asiáticas, por acharem a escrita bonita, e outras como o árabe, o italiano, francês e latim (especificamente a frase “*carpe diem*”). Houve também um aluno que disse que se tatuaria em uma língua fictícia, a língua dos elfos, presente na história de “O Senhor dos Anéis”. Alguns exemplos de respostas dos alunos:

L3: Na língua árabe, pois o formato das letras do alfabeto de lá chama minha atenção pelo seu diferencial.

Ex12: Inglês. Pelo costume de utilizar no dia a dia, acaba tendo mais influência que outras línguas.

Por fim, com relação à quarta pergunta (“Você traduziria para português a frase em língua estrangeira que escolhesse para fazer uma tatuagem? Por que?”), a maioria dos alunos respondeu que não traduziria porque isso faria com que a frase perdesse o seu sentido original ou porque a característica interessante da tatuagem seria justamente estar em língua estrangeira, e, ao traduzir para o português, a tatuagem ficaria menos interessante e chamaria menos atenção, como é possível observar nos fragmentos a seguir:

Ex13: Não, acredito que perderia o sentido e não teria o mesmo significado em português, e perderia toda a sua graça.

L2: Não, porque modificaria o sentido original.

Mas houve pessoas que disseram que traduziriam para que o sentido da frase ficasse mais claro para elas mesmas ao ser feita em português, já que não sentiam que tinham familiaridade com uma língua estrangeira, como podemos ver com as seguintes respostas:

Ex14: Sim, porque a língua estrangeira não faz parte do meu cotidiano.

Ex15: Sim, pois eu preciso saber o significado da frase.

Uma das respostas que destoou do que a maioria respondeu foi um aluno que comentou que traduzir não iria modificar o significado, resposta que vai à direção oposta do que a maioria respondeu sobre a tradução como algo que modifica o sentido, como é possível constatar a seguir:

Ex16: Sim, pois o significado não iria alterar.

Ao final da resolução do questionário, voltei as atenções especificamente para a segunda questão, e acessei as respostas dos alunos para essa pergunta. Constatei que havia correlação entre as respostas deles e as respostas dadas pelos entrevistados. E, em seguida, falei que todas as tatuagens que foram apresentadas em sala e a maioria que compõe o *corpus* da pesquisa haviam sido em língua inglesa porque a pessoa preferia não traduzir, uma vez que era uma frase originalmente em inglês. Além da justificativa da tradução, comentei também os outros tipos de resposta que foram coletadas no *corpus* da pesquisa, conforme discutido na análise dos dados. Todos os questionários respondidos pelos alunos podem ser encontrados nos anexos deste trabalho.

Ao final da aula foi realizada uma atividade de leitura em que haviam quatro tatuagens retiradas da *Internet* (V. APÊNDICE 2), conforme mencionado na metodologia. A atividade consistiu em relacionar cada uma das tatuagens com quatro depoimentos que foram criados como se tivessem sido ditos pelas pessoas que se tatuaram explicando o motivo pelo qual haviam tatuado cada uma dessas frases. Foi uma atividade realizada para verificar o nível de compreensão textual das turmas, tendo em vista que a disciplina é voltada para a leitura. As

respostas dadas para esta parte do exercício não serão contempladas nesta pesquisa, uma vez que não têm relação direta com as concepções de hegemonia do inglês e tradução, pois essas concepções foram previamente discutidas na primeira parte da aula.

Diante da interação em sala de aula e das respostas obtidas no questionário, percebe-se que a opinião dos alunos com relação à escolha da tatuagem em língua inglesa está em consonância com a categoria de tradução que foi discutida anteriormente, pois a maioria dos alunos falou que não traduziria uma frase em língua estrangeira para a tatuagem por achar que o sentido não ficaria mais o mesmo. Com relação à categoria de hegemonia, vê-se que a visão da maioria dos alunos leva em consideração a naturalidade com que o inglês está presente no Brasil e no mundo, ou seja, a maioria dos alunos não se incomoda com esse fato, diferentemente da opinião dos puristas. Assim, ao abordar a questão da tatuagem em inglês em contexto brasileiro, a maioria dos alunos a encarou com naturalidade por achar que se trata apenas de mais um dos âmbitos de funcionamento da língua em que o inglês se apresenta, assim como na mídia, nos produtos, em estabelecimentos comerciais, entre outros meios.

Ao discutir essas questões com os alunos, vê-se que a resposta à aula foi bastante positiva, pois a maioria se mostrou interessada pelo assunto e deram opiniões bastante pertinentes sobre a questão do inglês como língua que está fortemente presente em diversos lugares do mundo e sobre a presença do inglês em tatuagens feitas por brasileiros. Com isso, entendemos que levar a tatuagem para a sala de aula pode ser muito benéfico, pois representa uma nova visão a respeito dos gêneros de textos que podem ser trabalhados em sala, cujo objetivo é discutir uma série de questões que circundam esse texto, e não analisa-lo isoladamente, sem considerar todo o contexto histórico e social que lhe cerca. Assim, a reflexão dos alunos sobre como os textos estão espalhados ao seu redor pode ser ampliada, o que ajuda a expandir concepções sobre a linguagem e os seus usos no cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada, é possível constatar que as razões para a escolha da língua inglesa para tatuagens em brasileiros levaram em consideração diversas justificativas, inclusive justificativa nenhuma, pois algumas pessoas não conseguiram acessar com clareza o que as motivou, logo, vê-se que a escolha da língua para uma tatuagem não é sempre algo consciente.

Com a análise do *corpus* do presente trabalho buscamos apresentar o uso da língua inglesa em um tipo de expressão humana que está cada vez mais comum em ambientes urbanos, mas que, muitas vezes, não lhe é dada a devida atenção, de modo geral, devido ao fato de ser ainda um meio de expressão que é tido como marginalizado, apesar de possuir fatores de caráter histórico e social que propiciam várias discussões interessantes para a sala de aula de língua.

Além do trabalho com este gênero, a pesquisa pôde propiciar uma reflexão sobre o uso da língua inglesa em território estrangeiro, mais especificamente, no Brasil. Relacionamos tal uso nas tatuagens tanto à questão da expansão da língua inglesa como resultado da dominação por países anglo-saxões às outras culturas, quanto às ideias sobre tradução que as pessoas tradicionalmente trazem, justificativas que estão também presentes no uso da língua inglesa no Brasil de maneira geral, uma vez que diversos termos são mantidos na língua original, no caso, a língua inglesa, termos que até poderiam ser traduzidos ou “aportuguesados”, como o “*mouse*” do computador, que poderia ser chamado de “rato”, ou os “*tablets*” que poderiam ser chamados de tabletes, pois fazem parte do dia a dia do brasileiro.

Como resultado disso, vemos uma língua que a todo instante vai ganhando, adaptando e recriando maneiras de se expressar, fato que é natural a composição de qualquer língua, pois termos estrangeiros, ou podem ser esquecidos com o tempo, ou podem naturalmente passar a fazer parte de uma língua, como a “panqueca”, vinda do termo em inglês “*pancake*”. E, assim, vamos acompanhando a presença de palavras estrangeiras nas mais diversas situações cotidianas, tanto em textos orais quanto escritos. A razão para traduzir ou não um termo ou expressão pode levar em consideração diversos fatores. No caso de palavras de língua inglesa, como as citadas acima, vê-se que já estão tão enraizados na expressão verbal do brasileiro, que, na verdade, talvez soasse até “estranho” passar a chamar “*mouse*” de “rato” e “*tablet*” de “tablete”, mesmo sendo essa uma das soluções para o problema que alguns, como os puristas, veem na forte presença do inglês no Brasil.

Por outro lado, o fato de palavras e expressões da língua inglesa permanecerem na língua original quando são usadas em outros países pode ter relação com uma questão bastante discutida nos estudos da tradução: ao ser traduzido, um texto acaba deixando de lado a sua “essência”, que apenas a língua original é capaz de transmitir, para, assim, tornar-se uma adaptação que pode ou não ser condizente com a ideia que o texto original pretendia veicular, como discutido anteriormente com base nos autores Berman (2006) e Ricoeur. Essa é uma questão amplamente discutida e que tem relação com as razões que grande parte dos indivíduos que compõem o *corpus* deste trabalho deu para justificar o uso da língua inglesa em suas tatuagens quando o texto escolhido havia sido originalmente escrito em inglês.

Segundo Marcuschi (2011), a língua passa por experimentações diárias realizadas pelos seus falantes, seja em textos triviais ou canônicos, portanto, além do ensino crítico sobre a hegemonia da língua inglesa e da reflexão propiciada pela questão da tradução, o trato com tatuagens em sala de aula pode ser interessante para expandir a noção dos alunos sobre o que é um texto e sobre as inúmeras possibilidades de expressão verbal existentes nas práticas cotidianas. O professor de línguas, ao pensar sobre isso, pode deixar de focar apenas na cultura livresca, que entende a escrita apenas como algo que existe em papel, quando, na verdade, os espaços, principalmente os urbanos, estão repletos de linguagem por todos os lados – vitrines, automóveis, roupas, placas, chão, árvores, muros e, como contemplado no presente trabalho, também nos corpos de pessoas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, *piercing* e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue longínquo**. Nuplitt/ 7Letras, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- DENDRINOS, Bessie. **Ideologias conflitantes em discursos de resistência à hegemonia do inglês**. In SILVA, L. F. e RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto (et al). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. Editora Parábola, São Paulo, 2004.
- GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. **Estrangeirismos – Desejos e ameaças**. In: *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. Editora Parábola, São Paulo, 2004.
- GIBLIN, Remi. **O inglês por meio da música**. In: LACOSTE, Yves; RAJA, Kanavillil (org.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 127 - 132.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILBERT, Steve. **Tattoo history: a source book**. New York: Juno Books, 2000.
- GOMES, J. J. **O gênero grafite no ensino médio**. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- GOUVEIA, Carlos. **Não se pode mudar a língua, mude-se o país**. In SILVA, L. F. e RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A linguística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo, Parábola Editorial, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A.P. ET AL. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, A. M.; et al. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 17 – 31.
- MELLER, Lauro Wanderley. **Self-service, Drive-In, Delivery: estrangeirismos na paisagem urbana de Belo Horizonte**. *Ciência & Conhecimento: revista de divulgação*

técnico-científica da Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte, Belo Horizonte, v. I, p. 10-38, 2004.

MONTEIRO, Vivian. **Ensino de leitura em língua estrangeira: contribuições de uma prática reflexiva** (Dissertação – Mestrado em Letras). João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2003, 113p.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte de arte: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PRADO, Natália Cristine; MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **A presença de palavras de origem inglesa nos dicionários de português brasileiro: questões de identificação cultural**. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.

RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva**. In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A Geopolítica do Inglês*. Parábola, 2005, p. 135-159.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SARDINHA, Tony B.; BÁRBARA, Leila. **Frequência e uso de estrangeirismos ingleses no português brasileiro: um estudo baseado em *corpus***. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Vol. 5, nº 1, p. 97-114. Belo Horizonte - MG, 2005.

SCHMITZ, John Robert. **Dimensions of teaching culture in a globalized world: the case of English, with implications for the construction of a foreign language policy in Brazil**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

WOHLRAB, Silke (et al.). **Modifying the body: Motivations for getting tattooed and pierced**. Germany: University of Goettingen, 2006.

APÊNDICES



Universidade Federal de Campina Grande

CH/ UAL/ Inglês Instrumental I/ Semestre: _____ Prof.(a):Vivian Monteiro Silva

Ministrante: Jessica Torquato

Estudante: _____

O uso da língua inglesa em contexto brasileiro

A língua inglesa está presente em diversas situações comunicativas em contexto brasileiro, como em nomes de objetos do nosso cotidiano, como o *mouse* do computador, quanto em nomes de estabelecimentos comerciais, especialmente relacionados a tecnologia; ou, como foi visto na aula, o inglês está inclusive na pele de brasileiros na forma de tatuagens. Assim, vemos que a língua inglesa é comum na comunicação verbal no dia a dia do brasileiro. Diante disso, responda as seguintes perguntas:

1. Você acha que o uso de termos da língua inglesa em contexto brasileiro é algo normal ou você acha que esse uso é errado? Por que?

2. Por que você acha que pessoas brasileiras escolhem a língua inglesa para se tatuarem?

3. Se você fosse fazer uma tatuagem escrita em uma língua estrangeira, qual escolheria e por que?

4. Você traduziria para português a frase em língua estrangeira que escolhesse para fazer uma tatuagem? Por que?



Universidade Federal de Campina Grande

CH/ UAL/ Inglês Instrumental I/ Semestre: _____ Prof.(a):Vivian Monteiro Silva

Ministrante: Jessica Torquato

Estudante: _____

Writing on the body: the tattoo



<http://tattoopics.org/wp-content/uploads/2012/12/Strength-Loyalty-Respect-Chest-Lettering-Tattoo.jpg>



<http://media-cache-ec0.pinimg.com/736x/bd/6a/7e/bd6a7ecbd3eea762fd2f5fc75893eac.jpg>

A **tattoo** is a form of body modification, made by inserting indelible ink into the dermis layer of the skin to change the pigment. Many different cultures around the globe used and still use tattoos as part of their social life, generally with specific meanings, such as religious, medicinal, ritualistic and for body embellishment.

The tattooing act has some typical enunciations; what is done in tattoos has shapes that surround it (not absolutely restrictive, though), saying what is adequate and inadequate, common and uncommon to this human expression in certain social contexts. Thus, the tattoo can be understood as a text genre.

Exercise

1. Observe the tattoos below and then match its meaning with the text that best describes the meaning conveyed by each tattoo.

“Kindness”

1



<http://kindnessgirl.files.wordpress.com/2011/09/kindness-tattoo.jpg>

“Be the change you want to see in the world.”

2



<http://quotespoem.com/wp-content/uploads/heart-and-love-quotes-feminine-tattoo-on-back-shoulder2.jpg>

“If you never try, you’ll never know”

3



<http://3.bp.blogspot.com/-019h7pPidWE/U25NDWuGPoI/AAAAAAAAA08/urGYmiS14vw/s1600/wrist+tattoo++Tumblr+like+Wong+all+the+words+fit.jpg>

“One life, one chance”

4



<http://creativefan.com/important/cf/2012/06/word-tattoos-for-girls/neck-word-tattoo.jpg>

- a.** () I think it is wrong to say that something is good or bad without testing it through my own experience first. Then, only after experiencing it myself, I can have an opinion, and not by just listening what others say about it.
- b.** () If we want a better life, it is important to act the way we believe is the best. So, it is not enough to simply say what would be the ideal life, because it is even more significant to act according to our beliefs, otherwise, one can be considered a hypocrite.
- c.** () We live only once, so I always try to live all the good opportunities that come in my way, because I never know when this same opportunity will appear a second time; maybe soon, maybe never again.
- d.** () The most beautiful thing about the human being is the ability to love. Of course there are many terrible things about the human nature, but the good feelings cannot be forgotten.

Sources:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Tattoo>

ANEXOS